

A VOZ DO COMERCIO

QUINZENARIO DOS CONTABILISTAS E GUARDA-LIVROS



IGNIS-PORTO

ASSINAURAS
(Pagamento trimestral adiantado)
CONTINENTE 6\$00
COLONIAS 13\$00
ESTRANGEIRO 28\$00
Numero avulso—3\$00
Redacção e Administração
R. Santa Catarina, 502—PORTO—(Portugal)

DIRECTOR E ADMINISTRADOR
ANTONIO MARTINS DA FONSECA
EDITOR
ALBERTO FERNANDES LEAL

Toda a correspondência deve ser dirigida
à Redacção.

OS ORIGINALS NÃO SE RESTITUEM

Comp. e imp. na Tipografia ARTES & LETRAS
Rua Fernandes Tomás, 915—PORTO

2.º ano

Pôrto, 1 de Janeiro de 1930

N.º 25

PRIMEIRO ANIVERSARIO

Faz hoje um ano que publicamos o primeiro numero de «A Voz do Comercio».

Um ano!

É no entanto como este quinzenário está longe, muito longe de ser o que idealisamos!

Para nós, ainda não passou dum simples primeiro esboço.

Fomos obrigados a apresentar «A Voz do Comercio» em esboço imperfeitissimo, porque de há muito, confiados em promessas de cooperação de pessoas em quem depositavamos confiança, anunciavamos que iam publicar um quinzenário, cujo principal objectivo era defender e auxiliar os Contabilistas e os Guarda-Livros; mas, o tempo ia-se passando sem que nos fôsse dada a prometida cooperação; insistimos por ela, de quando em vez, e continuavamos esperando, porque era nosso grande desejo que o quinzenário fosse o melhor possível, para que podesse desempenhar cabalmente os fins com que desajavamos fundá-lo e para maior honra e beneficio das classes de que ia ser orgão; como já não podiamos esperar mais e não queriamos faltar ao prometido, confeccionamos, como podêmos, o primeiro numero e apresentámo-lo como esboço muito imperfeito que era, na ideia, que de há muito perfilhamos, de que vale mais fazer alguma coisa de util, ainda que muito imperfeita, do que não fazer nada, porque o que é imperfeito é susceptível de perfeição, e, pois, pode vir a ser muito benéfico, e nada não pode ter aperfeiçoamento, não produzirá jámais beneficio algum.

Tambem nos animou a publicá-lo assim a esperança de que pelas razões que tinhamos nos seria desculpado o atrevimento e ousadia de apresentarmos tal esboço, tanto mais que a intenção era boa e seria de esperar que publicados os primeiros numeros apparecessem cooperadores e, portanto, fôsse progredindo. Poderia mesmo, quem sabe, chegar a ser um dos melhores diarios e, pois, o mais poderoso meio de defesa e auxilio não só dos contabilistas e dos guarda-livros, mas, até, dos outros empregados no comercio.

E porque não?!

Assim o quizessem aqueles a quem «A Voz do Comercio» devia interessar!

Imaginemos, por exemplo, que em Portugal existem vinte mil empregados no comercio, que há mais, muito mais, e que todos eram bons assinantes — bem o podiam ser, tanto mais que o preço da assi-

natura é o mais modico possível —, com esse numero desses assinantes «A Voz do Comercio» seria indubitavelmente o sonhado diario, o melhor amigo que podiam ter.

Como, então, a pobre classe dos empregados no comercio, que tão prestimosas funções desempenha e tão mal apreciada é, havia de ser tida em justo apreço e devidamente respeitada e estimada!

E isto custando a cada empregado uma insignificante quantia, obrigando, apenas, a dispendir uma diminuta verba que qualquer deles dissipa varias vezes no mês, em frivolidades..., e quantas vezes, até, de modo que lhes será bem prejudicial, que os obrigará a gastarem tudo o que têm e até o que não têm, que lhes será dôr de toda a vida!

Despêsa insignificante, insignificantisima, sim, que todos podem fazer e que lhes trará beneficios incalculaveis, bem compensadores.

Mas, quantos reconhecem isso?!

Poucos, muito poucos!...

A maioria não compreende: uns porque não podem, outros porque não querem, no geral por falta de boa capacidade moral e de educação associativa. Preferem gastar mais, muito mais illusoriamente... que um pouco, que é bem pouco, em contribuir para sustentar um jornal que instrue e educa, que os defende e auxilia, que pode ser, se quizerem, de altos beneficios para a classe e para eles individualmente e consequentemente para muitas e muitas pessoas.

E quantos, quantos assinam publicações que só podem ser, que só são prejudiciais!...

«A Voz do Comercio» deve merecer a simpatia e amizade de todos os empregados no comercio — especialmente dos contabilistas e guarda-livros, porque é mais sua — pois a todos é util e benéfica e mais o será quanto maior fôr o auxilio que lhe prestem.

Foi fundada e é mantida não com intuitos mercantis, como bem se vê pelo modico preço de venda, mas para beneficio da Classe; a ela, pois, compete sustentar e fazer progredir este Quinzenário, para bem comum, e mais ainda porque é o unico jornal no genero que se publica em Portugal, até em todo o mundo, pois que não há outro — nem nunca houve —

que como este vise á formação da melhor capacidade tecnica, literaria e moral, necessarias para se ser verdadeiro guarda-livros moderno.

Varios tem havido e há que não são puramente tecnicos; porem nenhum com a finalidade deste.

A maioria dos que se tem publicado, ou se publicam, são somente tecnicos, como se só a parte tecnica devesse interessar, como se para ser verdadeiramente guarda-livros ou contabilista fôsseem suficientes os conhecimentos tecnicos.

Não. Em nossa humilde opinião, ao menos, o guarda-livros ou o contabilista deve possuir alem dos necessarios conhecimentos tecnicos, teóricos e práticos, uma bagagem de conhecimentos literarios correspondente á sua profissão e uma educação moral sã, equivalente, que o leve a só empregar em bem aqueles conhecimentos.

Quer dizer: é indispensavel que possua a verdadeira capacidade profissional, e esta, a nosso vêr, só existe, quando constituida pelas capacidades: moral, literaria e tecnica. Há muitos individuos que exercem a profissão de guarda-livros e até de contabilistas e que não possuem a necessaria capacidade literaria e moral e porisso, quantos e quantas vezes se prestam ás maiores baixeiras profissionais... Ora, devemos considerar tambem estes como verdadeiros profissionais, como autenticos tecnicos da contabilidade?!

Não e não!

Porque então como havemos de considerar os que realmente possuem a capacidade profissional?!

Assim como o curandeiro, só porque trata doentes, não é medico, assim, tambem, qualquer fulano lá que faz uma escrita não é, só porisso, guarda-livros.

Não, não!

A maioria desses fazedores de escritas o que são é borra livros, é vigaristas.

Não devemos, pois, equipara-los; pelo contrario, muito pelo contrario: o que é absolutamente necessario é irradiá-los, como nocivos, como perniciosos e muito, que são.

Não se permite ao curandeiro, e muito bem, exercer clinica, por que nas suas mãos periga a vida do doente, e tem-se permitido e, infelizmente, ainda se permite que qualquer pessoa sem escrúpulos exerça a profissão de guarda-livros, e no entanto nas suas mãos periga a vida da firma que

tenha a infelicidade de ter uma dessas pessoas por guarda-livros.

Francamente, é de admirar que o Estado não tenha ainda regulamentado a profissão; e mantem escolas technicas onde se formam guarda-livros! . . .

E, note-se mais, para ser-se, por exemplo, medico, ou engenheiro. . . é necessario um curso literário e um curso tecnico e só os diplomados podem exercer a correspondente profissão, porem, para ser-se guarda-livros basta, apenas, pelo que se tem visto, ser ousado e não ter vergonha, não ter dignidade.

Não queremos dizer que só os officiaes diplomados estejam nas condições de dignamente exercerem a profissão, e que muitos que não possuam o diploma offial, mas que têm longos anos de pratica e dado subejas provas de possuírem a verdadeira capacidade profissional, não possam ou não devam continuar a exercer a profissão.

Não. O que entendemos que não se deve, para futuro, é permitir o exercicio da profissão senão aos que deem provas bastantes de possuírem a capacidade profissional.

Para isso deve-se exigir,—independentemente de diploma, dando porem a preferencia aos que o possuam officialemente—que, como já dissemos, tenham boa capacidade technica—teorica e pratica,—literaria e moral, pois que só possuindo estas é que possuem realmente o capacidade profissional.

O que é justo, o que é moral, o que é indispensavel é que só estes exerçam a profissão de guarda-livros ou contabilistas.

Não deverá ser assim?

Em nossa opinião é assim e só assim que deve ser.

Mas, a sombra da liberdade plena, absoluta do exercicio da profissão de guarda-livros, muitos fulanos dedicaram-se a essa vida, sem a competente capacidade profissional, vivem dessa profissão e constituíram familia e já hoje não podem exercer outro modo de vida.

Não possuem verdadeiramente boa capacidade profissional, não, mas preenchem sufficientemente e honradamente o lugar que desempenham.

Ha muitos e muitos assim, são os chamados guarda-livros praticos.

Ora, não é justo, não é humano impedir-lhes de continuarem a exercer a profissão de que vivem.

Há, pois, absoluta, indispensavel necessidade de se estabelecer um periodo de transição, durante o qual serão irradiados apenas os que se reconheça serem borralivros. O numero destes é elevadissimo, é o maior; estão prejudicando a classe dos guarda-livros, os comerciantes e até o Estado. E', pois, de necessidade urgente irradiar-lhes.

Mas quais são realmente os borralivros? A nosso vêr, são os fulanos que fazem escritas e se prestam a tudo, os que não tem dignidade, os que não possuem a capacidade moral, embora tenham capacidade technica, e literária. Note-se que ha muitos fulanos que de ha pouco exercem a profissão de guarda-livros, tendo a capacidade moral, literaria e technica quasi suficientes. . . Estes não devem ser tidos na conta de borralivros, mas sim como aspirantes a guarda-livros, e, portanto, deve-lhes ser dado ingresso na Classe, naquella qualidade e com a condição de em determinado tempo, que pode e deve ser o da transição, obterem a verdadeira capacidade profissional.

E' por causa dos borralivros que se diz que a classe dos guarda-livros portugueses está em grandissima decadencia, porque não se nota que aqueles não fazem parte da Classe, porque em geral não se

faz distincção, o que é uma das maiores injustiças, o que é uma offensa aos guarda-livros.

A classe dos guarda-livros é constituída sómente pelos que de facto o são, pelos que possuem boa capacidade profissional, e não está em decadencia; pelo contrário, muito pelo contrário.

As razões expostas foram alguns dos factores mais importantes que nos levaram a fundar «A Voz do Comercio».

Era necessario, muito necessario, um jornal da classe, porque a Imprensa é, a nosso vêr, depois da Oração, a força maior de que se pode dispôr na Terra.

Fundamos, pois, «A Voz do Comercio», para que por ela a Classe podesse mais facilmente e melhor conseguir a realisação das suas justas aspirações; para que os guarda-livros mestres podessem difundir instrucção technica, —fazendo deste quinzenário um dos melhores tratados technicos—, para mais e mais se dignificar a Classe, enfim, para o maximo beneficio de todos os empregados no comercio.

Bem necessario era um jornal da indole deste e muitissimo é preciso e indispensavel que «A Voz do Comercio» tenha vida e preencha cabalmente os seus fins.

Como é necessario, tão necessario, e como seria belo e de altos beneficios haver muitos jornais, muitos, por todo o mundo que como «A Voz do Comercio» tivessem por principal finalidade a formação da melhor capacidade profissional, visando primeiro e mais a capacidade moral, depois a literaria e depois e só então a technica.

Oxalá que assim o compreendam e nesse sentido trabalhem o mais possivel todos aqueles que o possam fazer.

Exige-o bem comum pela decadencia moral dos nossos tempos, que é grandissima e que, segundo nos parece, por este meio se poderia dissipar. A maior crise que atualmente assoberba todo o mundo e da qual todas dependem, é a crise de caracter, é a crise moral; faça-se desaparecer esta e todas desaparecerão como por encanto.

«A Voz do Comercio» tem pugnado e hade pugnar sempre intransigentemente nesse sentido, que é o seu ideal.

E porque a intenção é boa e a causa é santa, este Quinzenário hade, como é mister, e muito desejamos, continuar a ter bons cooperadores, hade viver e prosperar.

Quando trabalhava-mos para o fundar, algumas pessoas procuraram dissuadir-nos dêsse intento, porque, segundo lhes parecia, o meio era mau e, pois, o jornal não poderia sustentar-se e nós seriamos grandemente prejudicados.

Depois, quando «A Voz do Comercio» appareceu á luz da publicidade, houve quem lhe profetisasse vida efemera.

Não admira. Em Portugal tinha havido varias revistas technicas, algumas de muito valor e todas tiveram vida atribulada e curta. Mas, eram sómente technicos e, pois, só interessavam a diminuto, a insufficiente numero de leitores! Tambem pensamos em criar uma revista puramente technica, mas desistimos, porque a Classe não tinha numero bastante de membros para sustentar uma revista sómente technica que honrasse, que dignificasse. . . e além disso o seu rato de acção seria curto e fraco. . . e, pois, impunha-se que fôsse como é a «A Voz do Comercio», que visasse aos fins que ela visa. E' que assim, tem mais larga expansão e mais poder, pode ser e será por conseguinte muito mais util e benefica.

A demonstrar que o nosso ponto de vista não foi mau, está o facto de «A Voz do Comercio» ter tido sempre até hoje vida progressiva. Luta e luta com gran-

dissimos obstaculos e difficuldades; porém completa hoje um ano de existencia e muitos mais hade completar se Deus quiser; está mais prospera que nunca e em breve terá officinas proprias. Porém, o grau de prosperidade que atingiu ainda não é sequer o sufficiente, comtanto que seja muito animador.

Deve-se aos seus colaboradores e assiantes o ela ainda existir e o muito que progrediu.

A todos, todos, estamos profundamente gratos; a todos, todos, igualmente obrigado, muito obrigado.

Vamos proseguir com a publicação de «A Voz do Comercio», nas mesmas intenções, no mesmo firme proposito que atéqui, com toda a actividade e com todo o amor. Se mais e melhor não fizemos foi por não nos ter sido possivel, que não, nunca, por falta de boa vontade; esperamos que muito e muito mais havemos de poder fazer, se não nos faltar a indispensavel cooperação, que desde já solicitamos e muito agradecemos. Como compensação basta-nos, como já manifestamos no primeiro numero, que haja alguém que com razão proclame: bendita seja «A Voz do Comercio».

Sim, que ela seja bendita pelos homens e sobre tudo por Deus, é o nosso mais forte, mais veemente desejo.

Notamos que é já tempo e bem tempo de terminar. Naturalmente, sem querermos, demasiado nos alongamos e, pois, massamos os nossos prezados leitores. Seja-nos isso desculpado e terminemos unindo-nos todos em pensamento, os que amamos «A Voz do Comercio», para com todo o entusiasmo da nossa alma e todo o ardor do nosso coração proclamarmos traduzindo o nosso sincero desejo de bons amigos deste Quinzenário:

Viva «A Voz do Comercio»,

Que este brado se repita, como o éco, sempre mais forte, mais ao longe e ao largo, mais e mais pelos tempos em fóra

Viva «A Voz do Comercio»,

SAUDANDO

Saúdo «A Voz do Comercio» pelo seu anniversário e faço votos para que, de futuro, a sua acção seja cada vez mais proficua para a classe que denodadamente defende e constitua um élo forte de sólida união entre a briosa e prestimosa familia dos contabilistas e guarda-livros portugueses.

S. Jorge-Açores, Dezembro de 1929.

A. Dias.

Visado pela comissão de censura

NO 1.º ANIVERSARIO DE "A VOZ DO COMERCIO"

DUAS PALAVRAS

Com o presente numero celebra esta revista o seu primeiro aniversario. Este facto insignificante na apparencia, tem todavia uma grande importancia para todos aqueles que labutam nesta ingrata e quasi ingloria tarefa de fazer escritas.

Mas, se a tarefa do guarda-livros é ingrata, ingrato é o meio em que esta revista vive porque apesar de ela se propôr defender os interesses duma classe numerosa e mais ou menos ilustrada, o numero dos seus assinantes podia ser já muito maior do que realmente é. E porque se constata semelhante facto? Porque entre nós não existe aquella força capaz de arrostar com as maiores difficuldades, chamada **união!**

Esta revista procura ter o mérito de realisar tanto quanto possível união. Consegui-lo-á? O ponto é que a auxiliem carinhosamente aqueles que o devem fazer. Quem sabe lá se não estarão aqui os germens de um grande magazine capaz de concorrer poderosamente para nobilitar e engrandecer a nossa classe, um magazine por intermedio do qual os seus membros que se encontram espalhados de norte a sul e de leste a oeste desta linda terra que é a Patria de nós todos e ainda aqueles que mourejam nas paragens longinquoas de alem-mar poderão comunicar num grande intercambio espirital? Para todos eles vão neste momento as nossas mais efusivas saudações.

Ora, para se conseguir tal desideratum é necessario que todos nós lhe demos todo o nosso apoio moral e material: a hora que passa não é de paliativos mas de acções intelligentemente orientadas. Reparemos na advertencia que nos deixou o poeta Virgilio nas *Georgicas* sobre a fugacidade do tempo, para o não desperdiçarmos em futilidades, quando diz — "Fugit irreparabile tempus!" (Foge o irreparavel tempo!)

E' preciso que sintamos um maior interesse por tudo o que diz respeito á nossa classe cultivando eficazmente o sentimento da solidariedade tantas vezes esquecido: que sejamos sempre um por todos e todos por um. Desta forma os nossos ideais terão aquella beleza surpreendente que nos imporá á consideração dos outros.

A quem tenha sido leitor assiduo de «A Voz do Comercio» não terá passado despercebido o esforço que o seu Director tem dispendido no sentido de a tornar de cada vez mais atraente, já inserindo secções novas já procurando desenvolver as secções antigas. Tudo isto para a tornar mais agradável aos seus assinantes que dia a dia vão augmentando em numero.

De qualquer modo, esta revista é, sem favor, a unica publicação no genero que existe em Portugal. Ela fornece aos seus leitores materia didactica e recreativa ao mesmo tempo, exprimindo assim o desejo que o contabilista possua as três competencias que o coloquem á altura da sua missão, para que dela possa desempenhar-se cabalmente. E esta revista procura orientar a sua fatura nesse sentido, e não esquece que o contabilista tendo direitos a fruir, tambem tem deveres a cumprir.

De facto, a competencia moral, a competencia literaria e competencia tecnica são virtudes imprescindiveis que devem coexistir na pessoa que deseja seguir a profissão de contabilista e guarda-livros.

A competencia moral vem em primeiro lugar e é sem duvida um ponto da maior importancia para nós, se queremos prestigiar-nos prestigiando a nossa classe.

E' inevitavel que o contabilista desempenha já no meio commercial e industrial um papel importante pois ele é por assim dizer o fiel da situação financeira da empresa onde presta os servicos da sua especialidade. Logo, entende-se que deve ser pessoa de bons costumes, isto é, que a sua moral seja de tal modo elevada que se imponha á consideração de todos.

E a boa moral é assunto de tanta importancia que as varias escolas filosoficas desde a mais remota antiguidade têm tratado dele com verdadeiro interesse, sendo os seus sistemas doutrinaes objecto de muita meditação e estudo durante seculos successivos.

Não cabe num artigo da indole deste falar desenvolvidamente dos varios filósofos que mais brilho deram aos seus trabalhos, pouco mais sendo possivel dizer alem de alguns nomes que ficaram para todo o sempre como estrelas de primeira grandeza a iluminar o mundo vastissimo do pensamento humano!

Na Grecia floresceram Thales de Mileto, Pythagoras, Socrates, Platão, Aristoteles, Epicuro, Zenon e outros; em Roma, Cicero, Séneca, Marco Aurelio; desde a Edade Média, S. Tomás, Bacon, Descartes, Spinoza, Malebranche, Leibnitz, Kant, Augusto Comte, etc. Um mundo de pensadores que trabalharam a seu modo para elevar o homem acima da animalidade com que foi dotado pela Natureza, para lhe dar uma moral que o aproxime cada vez mais da perfectibilidade.

Pythagoras que nasceu em Samos 595 anos antes de Cristo,

devendo-se a ele a palavra filósofo, dissertando sobre a teoria do ser ou seja a Ontologia, sobre a sciencia das leis geraes do mundo fisico, ou seja a Cosmologia, e sobre a Theodiceia, isto é, a justiça de Deus, ensinou tambem que a grande base sobre a qual devia girar a ordem fisica e a moral, era a *harmonia*, organisação suprema de todas as forças e de todas as relações sociais. Foi o primeiro filósofo que assentou o principio do Direito na—
Egualdade!

Platão ensinou uma doutrina em que a razão e a sabedoria se encontram largamente representadas e ensinava que o homem sob a direcção da razão podia realisar o seu bem supremo.

Aristoteles foi contra o idealismo de Platão, e desviou-se um pouco do caminho que devia ter seguido, mas ensinou que as virtudes se resumiam na coragem, temperança, serenidade, liberdade, justiça e suavidade.

Zenon, o fundador da escola estoica que tentou antes estabelecer um sistema religioso mais do que filosófico, ensinava que a justiça não devia ser praticada por conveniencia, conforme a opinião epicurista, mas sim por causa da excellencia intrinseca da mesma justiça, com fundamentos na natureza humana e era conforme a razão.

Cicero ensinava que o primeiro preceito de justiça é que ninguém prejudique outrem sem ter sido injuriado.

Kant mais tarde estabeleceram um principio identico, por conseguinte negativo, porque ensinava — *a ninguém leses*, sem todavia explicar o que se deve fazer para não lesar os outros. Vae contra a logica que exige que a definição para ser boa tem de ser positiva. O seu sistema, em todo o caso, constitue um progresso, se atendermos ao tempo em que foi creado. Este filósofo quiz reformar os nossos conhecimentos e quiz reconstituir a certeza por meio da razão prática, partindo da duvida. Daqui tira ele as conclusões da lei do dever da existencia de Deus e da immortalidade da alma.

S. Tomás d'Aquino, na Edade Média, ensinava que a base da teoria do Direito é a lei e formulou o seguinte principio de justiça: — *que cada um receba segundo o que lhe é devido.*

Leibnitz ensinou que a justiça é — *a filantropia fundada no amor de Deus.*

"A moral manda fazer o bem pelo bem" e não admite a inveja nem o odio, exige pelo contrario a boa intenção e a pureza de motivos.

Mas o mais perfeito sistema filosófico e religioso foi posto no mundo pelo Cristianismo que ensinou a egualdade entre todos os homens, o amor do proximo, fez substituir o principio politico pelo principio religioso, e separou o poder temporal do poder espirital, e a moral confunde-se com a religião. O positivismo fundado por Comte que sem duvida se inspirou no Cristianismo, ensina o predomínio progressivo do altruismo sobre o egoismo.

E a alma humana, isto é, o principio que em nós pensa sente e quer, e cujos fenómenos se podem classificar em três grupos, que são a intelligencia, a sensibilidade e a vontade, que se manifestam segundo o testemunho da consciencia psicologica, tem em si a força necessaria para poder aperfeiçoar-se e brilhar cumprindo dignamente o seu dever, a questão é *querer — querer é poder.*

Muito havia ainda a dizer sobre este importantissimo capitulo mas o espaço a este artigo destinado é limitado e talvez até os leitores estivessem sentindo já certo enfado por estar para aqui a falar-lhes deste metafisico assunto que talvez lhes não agrade...

Acerca da competencia literaria pouco lhes direi, pois, porque todos sabem que a moderna vida comercial, civilizada já, exige uma preparação literaria mais ou menos desenvolvida para que os variados assuntos que passam pelo gabinete da contabilidade das empresas commerciaes e industriaes possam ser tratados com a elevação necessaria e util que elles requerem. Não sendo assim, quantas vezes o contabilista dará uma orientação errada, e porisso contraproducente, a uma determinada solução?

De resto, o que se diz aqui não constitue novidade nenhuma. Todos nós teremos verificado isto mesmo nos nossos escriptorios, por muito curta que seja ainda a nossa carreira.

Que as nossas habilitações literarias nos permitam exercer a nossa profissão com a consciencia de que não faremos fraca figura ao ter de responder a uma carta escrita com certa corrección; alem disso que elas sejam suficientes para podermos afeitamente encarar os multiplos aspectos da nossa acção, de cada vez mais espinhosa, em face das tendencias do commercio dos nossos dias, que exige uma grande previsão e um tacto especialissimos para se poder exercer vantajosamente. Se bem

que estas altas qualidades sejam mais para se encontrarem nos comerciantes, quantas vezes o contabilista é chamado a emitir a sua opinião sobre determinado assunto que interessa á sua casa, e tem por consequencia de dar um parecer que as circumstancias exigem que seja sensato e para o fazer com brilho, que conhecimentos não terá ele de possuir?

Atentem nisto bem os que desejam ser alguém dentro da sua profissão.

Da competencia tecnica que lhes poderei eu dizer? Não é preciso encarecer a sua importancia; todos comprehendem que dado o progresso que se verifica nos meios commerciaes e industriaes, o contabilista tem de saber do seu officio para poder executar os variadissimos serviços da sua especialidade que podem deparar-se-lhe. Necessita de aperfeiçoar tanto quanto possível os seus conhecimentos technicos. Deve lembrar-se de que precisa dar boa conta de si. Ai daquele que limitar a sua sciencia aos artigos das quatro formulas do Diario! Fatalmente que se veria embaraçado muitas vezes e se não fôr pessoa de boa moral, quanta tolice ha-de deixar espalhada pelos livros da escripturação!

Ora, como esta revista mantém uma secção tecnica em que os variadissimos capitulos desta materia são tratados com proficiencia, e continuará a occupar-se deles com o brilho que lhes imprimem os seus autores, para elle remeto os que desejam aperfeiçoar-se.

Ao seu Director deixo aqui consignado o meu apreço pelo seu esforço em prol dos seus colegas, rogando-lhe que não desanime. Permitto-me recordar-lhe as duas palavras de um verso de Estacio, poeta napolitano, que são: *Macte animo!* isto é, coragem! Deste modo porá em pratica a frase do celebre poeta alemão Goethe — *mehr licht!* — ao pedir que lhe abrissem a janela para que entrasse mais luz, isto é, no nosso caso mais instrução, mais sciencia, mais verdade, de que a alma humana é e será sempre sedenta!

Braz Porto.

BEMDITA SEJA "A VOZ DO COMERCIO"

Faz hoje um anno que no final da sua apresentação em termos tão simples e d'uma pureza tão bella A VOZ DO COMERCIO anteviu que alguém proclamaria BEMDITA SEJA "A VOZ DO COMERCIO".

Sim, BEMDITA SEJA, pela sua dedicação e sacrificio para poder manter um jornal que é bem digno da classe dos Contabilistas e Guarda-Livros, tanto pelos seus tão uteis e intelligentes artigos como pela forma criteriosa e bem acertada como é dirigida.

Não se póde exigir mais do esforço dos que estão á sua frente, pois sabe Deus quantos desalentos e obstaculos se lhes tem deparado que só uma vontade ferrea pode vencer.

Tudo n'ella tem sido tratado: a sciencia da Contabilidade em geral, escripturação, calculo, varios sistemas praticos e interessantes, uma diversidade de assumptos de caracter technico, escriptos com intelligencia, defesa da classe, literatura, etc., etc.

Falo apenas como assinante e reconhecido pelos ensinamentos de tão prestimoso jornal e estou certo que interpreto o sentir de todos quantos o leem.

E' preciso continuar a reconhecer os beneficios que advêm d'um jornal proprio para honra e prestigio da nossa classe e, se não faltar o nosso apoio, podemos estar certos que A VOZ DO COMERCIO realisarà todo o seu programa, visto que se encontram á sua frente almas fortes e de reconhecida competencia.

Que me releve pois, o seu Director, o Ex.^{mo} Sr. Antonio Martins da Fonseca e seus collaboradores se os venho ferir na sua modestia com estas mal desataviadas linhas, mas seria uma ingratidão deixar de prestar no primeiro anniversario de A VOZ DO COMERCIO a justa homenagem ao seu trabalho e incançavel esforço em toda a acepção da palavra em prol d'uma classe que nos tempos que vão correndo bem precisa quem a oriente e defenda.

Candido L. Raposo

O NOSSO ANIVERSARIO

E' com o maior regosijo, que vejo entrar no segundo anno da sua publicação, «A Voz do Comercio», quinzenario dos contabilistas e guarda-livros, cuja classe defende e auxilia na medida das suas forças.

Nos tempos que vão correndo, é ardua a tarefa de manter com dignidade e brio, á custa de um sem número de contratemplos, uma publicação desta especie.

Só quem conhece o que é ter de dirigir e sustentar um órgão semelhante, num meio scientifico tão acanhado como o nosso e em que, (vergonha é talvez constata-lo) ninguém dá incentivo a empreendimentos desta natureza, nem mesmo aqueles a quem taes empreendimentos interessam; só quem saiba o que é essa tarefa ingloria de manter durante um largo anno, no meio de desgostos e semsaborias, uma revista de contabilidade, — é que pode devidamente apreciar o quanto vale esse quasi homérico esforço, sempre dispendido com satisfação e sinceridade, mas muito raras vezes comprehendido e recompensado.

Esse preito deve ser rendido a Antonio Martins da Fonseca, o devotado fundador de «A Voz do Comercio», porque só a ele é devido.

Sem a sua acção proficua e inteligente, sem o seu concurso dedicado, sem a sua tenacidade e inconfundiveis qualidades de trabalho, o periódico que superiormente dirige, teria como tantos outros do género que para aí tem apparecido á luz da publicidade, a curta duração das simbólicas rosas de Malherbe...

Possuidor de uma invulgar cultura, Antonio Martins da Fonseca, contabilista profissional, perito e professor no Collegio dos Orfãos por nomeação da Ex.^{ma} Camara Municipal do Pôrto, tem exercido o magistério da sua especialidade em quasi todas as escolas de comércio e colégios do Pôrto, e desempenhado o cargo de guarda-livros em importantissimas casas commerciaes desta Praça.

Ha comtudo um facto na sua vida, que por muito raro, deve ser posto em destaque: ele nunca desempenhou qualquer cargo que tivesse obtido por empenhos!

Tem-se elevado unicamente, pela força dos seus méritos, que são grandes!

A orientação dada ao seu quinzenário honra-o sobremaneira.

Ele atende a tres finalidades principaes: a técnica, a moral e a literária. Neste género é a primeira revista que aparece no nosso País

Todas as revistas publicadas até hoje são puramente técnicas, e no entanto, não devem haver guarda-livros dignos desse nome sem estas tres capacidades.

O guarda-livros moderno deve possuir uma bagagem de conhecimentos literários correspondentes á sua profissão, e deve ter uma educação moral equivalente.

Cabe á "Voz do Comercio, a honra de preencher esta lacuna, satisfazendo áquele *desideratum*.

Nesta data festiva, não posso deixar, como o mais obscuro dos seus collaboradores, de vir saudar o seu illustre director pelo seu esforço hercúleo, pertinácia e vontade poderosa que formam a triologia em que se funda e escuda a vida do órgão da illustrada classe dos contabilistas e guarda-livros, ao qual desejo larga vida e a maior soma de prosperidades.

Francisco Guimarães.

A' volta de um aniversario

Se alguma coisa há que constitua sempre para mim um enorme sacrificio, é sem dúvida escrever, e isto por duas causas: a primeira porque não fui fadado para tal e a segunda pela razão de não ter pretensões a ingressar na galeria dos homens illustres.

Se tenho saído fora das minhas normas e contrariado a minha vontade, é porque razões de outra ordem para isso contribuíram e a de hoje então, foi por não me poder conservar alheio á passagem do primeiro aniversario de «A Voz do Comercio». Mesmo, porque tenho quasi a certeza que este aniversario deve ter vindo seguido dos maiores dissabores, e das mais duras provas duma desilusão para quem teve a iniciativa e o espirito empreendedor de fundar «A Voz do Comercio», logo, impôz-me o dever, já que outra coisa não possa fazer, de lhe vir trazer ao menos o meu estímulo e a afirmação da minha fé nas meliores prosperidades que profetiso á «A Voz do Comercio».

E' certo que a passagem do seu primeiro aniversario merecia duas palavras, mas daquelas palavras rudes que ferissem como pontas d'aço aqueles para quem ela foi creada e que tendo obrigação de lhe darem a sua colaboração e concurso, antes votaram-na ao indiferentismo e tudo pela falta dum amor próprio. Martins da Fonseca, que eu conheço apenas atravez de «A Voz do Comercio» impoz-me a consideração e dedicação que lhe é devida, desde que o vi encetar uma obra de utilidade, por assim dizer de aperfeiçoamento profissional, de divulgação tecnica, uma obra em que todos os assuntos de organização, commercio e contabilidade deviam ali ser versados e tratados com o carinho e estudo que lhe são peculiares.

Percorrida esta primeira etape, estou convencido de que Martins da Fonseca nunca supoz encontrar tantas dificuldades como aquelas com que devia ter lutado; os desgostos e as ingratidões deviam-se succeder continuamente e se não fôsse dotado duma vontade de ferro e duma persistencia cheia de tenacidade só sentindo e ouvindo o que muito bem quiz, não teria vencido com certeza. Depois, e o que se torna necessário acentuar bem, é a falta de lealdade. Pois então não era ao encontro dele que deviam vir todas as opiniões, todas as boas vontades e colaboração, auxiliando-o na empresa a que tam desinteressadamente meteu ombros somente em prol do prestigio, do respeito e da dignificação e afirmação da vitalidade duma classe — não incluo os que não tem a consciencia do que valem — tornando a «A Voz do Comercio» um periodico de ensinamento, de interesse profissional ao nível do fim para que foi creado, melhorando-o e aperfeiçoando-o, acabando com uma falta que sempre se tem feito sentir, o que seria preferivel ao negarem-lhe o seu concurso, criando-lhe obstaculos, criticando e apontando defeitos e deficiencias?

Seja-se coerente; devemos concordar que embora o direito de critica seja livre, mas o que seria bom tambem era que houvesse um pouco mais de autoridade para a fazer, de resto não é por esta forma que se estimula quem quer trabalhar e deseja ser útil á colectividade e muito especialmente para quem directamente esse trabalho diz respeito.

Saudando «A Voz do Comercio», que é o mesmo que saudar Martins da Fonseca e todos quantos lhe tem dispensado a sua intelligencia, daqui lhes envio os votos bem sinceros que faço por um futuro mais auspicioso e mais desanuviado de dificuldades.

Quintino Magro.

UM ANO

Para a vida de um jornal, um ano, representa um século. Nesta época que lastimosamente atravessamos, pejada de adeptos da arte de *Terpsicore* e de *Euterpe* os periódicos quasi na sua totalidade têm a duração das *Rosas de Matherbe*, por tanto, um jornal que não morreu ao nascer e se mantenha vigoroso e florescente como este, pode orgulhar-se com requintes de vaidade, porque, as exigencias são insaciáveis e intoleráveis. — Nem só os que do jornalismo fazem profissão sabem apreciar os inúmeros desgostos que acarreta um empreendimento jornalístico; tambem nós, os jornalistas amadores, podemos e com autoridade testemunhar os desgostos superaveis que nos têm alcançado a alma esta carreira escabrosa e ingrata. Os meus dez anos de apostolado nessa carreira, traduzem bem dez anos de trabalho insano e fastidioso, colhendo apenas ingratidão. Nem os meus caros leitores poderão calcular e avaliar o que se passa pelas redacções de muitos periodicos, presidios de almas

1.º ANIVERSARIO DE «A VOZ DO COMERCIO.»

«A Voz do Comercio», completa hoje o 1.º aniversario e nós, seu humilde delegado em Braga, não podiamos permanecer indiferentes neste dia de justificada festa.

Saudamos na pessoa do seu director sr. Antonio Martins da Fonseca distinto professor contabilista, a cuja intelligencia e tenacidade deve a «A Voz do Comercio» o lugar de destaque que hoje ocupa no seio da classe dos Contabilistas e Guarda-livros, todo o corpo redactorial e bem assim aqueles que por qualquer meio contribuem para o seu progresso e expansão.

Sabemos das dificuldades e obstaculos que a cada momento surgiam no seu caminho, porém o seu director, com uma persistente acção tem-se defrontado tenazmente contra os elementos nocivos ao progresso e desenvolvimento do Jornal.

Que todos os Contabilistas, Guarda-livros e empregados de escritório se compenentrem das grandes vantagens que o seu órgão official lhes proporciona e ele terá uma vida longa e progressiva.

Mas, infelizmente, poucos são aqueles que compreendem o esforço e sacrificios dos organizadores de «A Voz do Comercio».

No entanto alguns ha, e entres esses merecem menção especial, porquanto temos conhecimento de ser um dos auxiliares de primeiro plano, o illustre contabilista, ex-director de «A Gazeta de Empregados de Escritorio», nosso amigo sr. Bernardino Godinho, sendo dignos todos da nossa admiração, e tem jus á nossa homenagem.

Com elementos deste valor não ha receios ou empecilhos que façam recuar um só passo no caminho encetado, mas sim esperanças numa vida longa e prospera. — São esses os nossos sinceros votos.

P. Braga.

torturadas, donde saem nacos de prosa muitas vezes escritos com que amargura!...

Os jornalistas e os colowns, que trabalham sómente com o espirito de bem servir o publico, muitas vezes os seus desejos eram possivelmente revoltarem-se contra o mesmo. A Mocidade contemporanea não dá valor algum ao esforço titanico que todas as Emprezas jornalisticas empregam para manter e dar vida a uma publicação, muito embora modesta como esta. E' por isso mesmo que eu, aproveito o ensejo do feliz aniversario deste jornal, para felicitar e abraçar o meu grande amigo e colega, Sr. Antonio Martins da Fonseca, que com rara proficiencia o dirige, pois, além de Contabilista e Guarda-Livros, mostra tambem ser um jornalista muito experimentado.

Oxalá, d'hoje a um ano, eu possa referir-me com mais entusiasmo ainda, num naco de minha prosa humilde, ao segundo aniversario; que chovam na redacção, ás catadupas, pedidos de assinaturas; que os recibos não saiam com bilhete de ida e volta, e, finalmenté, a Mocidade que hade vir, bemdiga e louve a nossa iniciativa, pois, augurando assim, um futuro auspicioso a este jornal, órgão da briosa classe dos honrados Contabilistas e Guarda-Livros do Norte de Portugal, aproveito tambem a oportuna para abraçar o meu ex-Professor, Ex.^{mo} Sr. Francisco Guimarães, excelente elemento e que a este periodico tem dispensado o seu denodado e perseverante impulso, sendo meu ingente desejo que esse abraço de plena satisfação, seja extensivo a todos os meus presadissimos colegas.

Unamo-nos pois, numa união sacrosanta de amor transcendente e sem limites, para que dessa união depurada possa nascer a força inabalavel para assim mantermos activo e poderoso o nosso brio profissional, bem como a reivindicación dos nossos incontestaveis direitos.

Avante, pois, bravos militantes, avante sim, sem desfalecimentos, porque é de nós que depende esse grande esforço, contribuindo assim, para o resurgimento triunfal da nossa brilhante classe.

Alberto Leal.

Porto.

SECCÃO TÉCNICA

ELOGIO DOS NUMEROS

(Continuação)

Regula-se por números o movimento do navio na imensidade dos mares e do avião na imensidade do céu, que, por meio dêles, o piloto conduz com precisão ao lugar onde antecipadamente resolveu levá-los.

A êste respeito, podemos acrescentar que os números têm representado um papel essencial nas glórias portuguesas. Foi com efeito por meio dos números, medindo latitudes e distâncias, e determinando rumos, que dois grandes portugueses, Vasco da Gama e Fernão de Magalhães, navegando de mar a mar, conduziram triunfantemente, o primeiro as caravelas lusitanas até às terras luminosas do Levante, o segundo as naus castelhanas até às águas serenas do Pacífico.

Do mesmo modo, foi por meio de cálculos aritméticos, rápida e hábilmente executados, que dois heróis do nosso tempo puderam voar com precisão admirável, nas asas que a Sciência lhes deu, desde terras africanas até aos Rochedos de S. Pedro e S. Paulo, que são como pontos na imensidade do Oceano, para levar ao Brasil em festa as saudações da Nação-mãe e, como presente precioso, o livro sagrado da Raça, a sublime Epopeia lusitana. E, se a notícia do grande feito pôde ser imediatamente espalhada pelo Mundo inteiro, foi por que a Mecânica, uma sciência de números, ligada à Física, que o é também, fez das ondas electricas as asas do pensamento.

Associando doutrinas matemáticas e físicas, inventou a Engenharia aparelhos que falam, que escrevem e que contam; construiu máquinas mais ou menos poderosas, mais ou menos delicadas, mais ou menos complexas, para as numerosas indústrias da vida social; subiu desde a invenção de engenhos que conduzem o homem velozmente sobre os caminhos terrestres ou sobre a superfície das águas até à invenção de outros sobre os quais o homem vóa na amplidão do céu ou dentro dos quais navega nas profundidades dos mares.

O Número e o Belo aparecem misteriosamente ligados na Literatura e na Arte.

Na Literatura, por meio do número, o poeta aumenta maravilhosamente os encantos da Linguagem, transformando-a em verso, cuja medida adapta ao assunto do seu poema na Musica, por meio dos números, a medir o ritmo, a ordenar sons, a regular acordes, transformam-se ruídos inexpressivos em melodias que encantam.

Com a intervenção da Geometria, a medir distâncias e a determinar proporções, o pintor, o escultor e o architecto transformam a matéria informe em quadros, estátuas e monumentos.

A Geometria e a Mecânica aparecem associadas

à Arte em numerosos edificios de todos os tempos: na abóbada maravilhosa do Panteon de Agripa, templo admirável que vem há cêrca de vinte séculos atestando a habilidade dos architectos da antiga Roma no manejo dos preceitos da Estática dos corpos sólidos, que haviam recebido dos gregos; na grandiosa cúpula com que Miguel Angelo coroou a magestosa Basílica de S. Pedro no Vaticano; na admiravel abóbada da sala capitular do Mosteiro de Santa Maria da Batalha, que tornou famoso o nome do architecto Afonso Domingues, etc. Os templos de Santa Maria da Batalha e de Santa Maria de Belém não são só duas grandiosas obras de arte a comemorar a consolidação da nacionalidade portugueza em Aljubarrota e a descoberta do caminho da India; são ainda grandes livros de Geometria e Mecânica em pedra que atestam o saber e o engenho dos architectos que os projectaram e construíram.

Por meio do número, por meio da balança, transformou-se a velha Alquimia na Química scientifica e penetrou-se nos mistérios da composição molecular e atômica dos corpos. Sob êste ponto de vista, pode-se dizer que a Química é a Aritmética dos átomos.

Encontram-se formas geométricas determinadas e relações aritméticas características na Zoologia, na Botânica e na Cristalografia.

São maravilhas geométricas a bôca e a garganta do homem como instrumento para emitir sons, o ouvido como instrumento para os recolher e reunir, os olhos como instrumento para ver a variadas distâncias.

Medem-se por números as probabilidades dos acontecimentos, quando não são inteiramente casuais. Em Medicina, o clínico mede por números o movimento do coração e a temperatura do enfermo, regula por números a quantidade dos alimentos que êste deve tomar, e enfim, por meio dos números a medir doses, faz da droga, muitas vezes do veneno que mata, o remédio que cura.

Sem o número, a medir o tempo, não se podem ordenar os factos na História; sem o número, a medir distâncias, não se podem fixar as posições das terras na Geografia.

Em sociologia, por meio do número, o trabalho transforma-se em salário e os produtos do campo e da indústria transformam-se em moeda. O número medindo tempo, medindo trabalho, avaliando riqueza, é o eixo principal de tôda a economia social.

O número é pois o regulamento do Mundo, e por isso os antigos filósofos o divinizaram e consideraram a Matemática como a linguagem dos Deuses.

(Do meu livro: «Panegiricos e Conferencias»).

F. Gomes Teixeira

PALAVRAS DUM PSICOLOGO (QUE CONVEM FIXAR)

A época actual é o reinado do empregado modelo. Pouco importa que uma multidão de outros pejem as ruas, que milhares de homens, se esmaguem em vão junto das agencias de colocações; que os tempos sejam duros; que os negocios estejam parados. O homem forte, aquele que é capaz de agir, o homem bem treinado, ambicioso de seguir um caminho largo e traçado por ele só, o homem enfim dotado duma bela intelligencia é sempre disputado. Para ele haverá sempre centenas de portas a abrirem-se. Esse homem não terá de correr atrás da sorte, terá unicamente o embaraço da escolha. Existe um texto de anuncio permanente e universal que é este: — «Precisa-se dum empregado modêlo.»

O. S. MARDEM.

MONOGRAFIA

CONTABILIDADE BANCARIA

Banco Mercantil e Industrial de São Paulo

(Continuação)

DEVE	CAIXA	HAVER	
<p>1899 Jan.º 16</p> <p>Saldo de 14</p> <p>Depositos em c/ corrente, S. Paulo</p> <p> José de Mello 23.000\$000</p> <p> Sampaio Goés 14.000\$000</p> <p>Depositos por Letras</p> <p> v/ do DL/SP. 1 á 6</p> <p> o/ de M. Justo</p> <p>Descontos</p> <p> Do TD/SP. 6</p>	<p>313.850\$300</p> <p>37.000\$000</p> <p>20.000\$000</p> <p>15\$00</p> <p>370.865\$300</p> <p>359.558\$540</p> <p>200\$000</p> <p>119\$500</p> <p>10.000\$000</p> <p>110.000\$000</p> <p>3.074\$650</p> <p>500.000\$000</p> <p>37.000\$000</p> <p>1.000\$000</p> <p>4.486\$640</p> <p>1025.439\$330</p>	<p>1899 Jan.º 16</p> <p>Depositos em c/ corrente, S. Paulo</p> <p> Joaquim Alves, cheque n.º 1 3.983\$000</p> <p> Diogo Pinto, cheque n.º 21 800\$00</p> <p>Ordens de Pagamento s/ S. Paulo</p> <p> Da Ag. de Santos a T, c/ LA</p> <p>Premios</p> <p> Sello affixado no DL/SP. 1 e nos C 1/2</p> <p>Titulos Descontados em S. Paulo</p> <p> Pelo TD/SP. 6</p> <p> Saldo para 17</p>	<p>4.783\$000</p> <p>5.000\$000</p> <p>23\$760</p> <p>1.500\$000</p> <p>11.306\$760</p> <p>315.558\$540</p> <p>370.865\$300</p> <p>5.000\$000</p> <p>29.200\$000</p> <p>20.000\$000</p> <p>20.000\$000</p> <p>104.295\$000</p> <p>178.495\$000</p> <p>846.944\$330</p> <p>1025.439\$330</p>
<p>Jan.º 17</p> <p>Saldo de 16</p> <p>Comissões</p> <p> 1/4 % de 80.000\$000 crédito concedido a Pereira & Raul</p> <p> de pagamentos s/ Santos e S.ª Catharina</p> <p>Caixa Filial de S.ª Catharina, c/c</p> <p> Emissão do n/ cheque A 1</p> <p>Depositos em c/ corrente, S. Paulo</p> <p> Azevedo & C.ª</p> <p>Descontos</p> <p> Dos TD/SP. 7/11</p> <p>Emissão</p> <p> Notas da 1.ª série n.º 5 1/10000</p> <p>Ordens de pagamentos s/ Santos</p> <p> De João Aguiar para pagar a Alves & C.ª</p> <p> De Pereira & Raul para pagar a J. Luiz</p> <p>Prestações Antecipadas</p> <p> De Moreira Porto, 1.ª prestação do emprestimo que contrahiu</p>	<p>359.558\$540</p> <p>200\$000</p> <p>119\$500</p> <p>10.000\$000</p> <p>110.000\$000</p> <p>3.074\$650</p> <p>500.000\$000</p> <p>37.000\$000</p> <p>1.000\$000</p> <p>4.486\$640</p> <p>1025.439\$330</p>	<p>Jan.º 17</p> <p>Caixa Filial de S.ª Catharina, c/c</p> <p> Seu cheque n.º 1</p> <p>Empréstimos Garantidos, S. Paulo</p> <p> Pereira & Raul, cheque n.º 1</p> <p>Empréstimos Hypotecarios, m/c</p> <p> Pago a Moreira Porto 1/3 do emprestimo que contrahiu</p> <p>Gastos de Instalação</p> <p> Pago a G. Prado pela aquisição do contracto de locação do edificio do Banco</p> <p>Titulos Descontados em S. Paulo</p> <p> Pago pelos TD/SP. 7/11</p> <p> Saldo para 19</p>	<p>5.000\$000</p> <p>29.200\$000</p> <p>20.000\$000</p> <p>20.000\$000</p> <p>104.295\$000</p> <p>178.495\$000</p> <p>846.944\$330</p> <p>1025.439\$330</p>

(Continua)

Horacio Berlinck

OPINIÕES SOBRE O VALOR A DAR ÀS MERCADORIAS INVENTARIADAS PARA BALANÇO

(Continuação)

Le o insigne tratadista continúa:

Esta nova conta, *Perdas e Lucros a realizar*, que aliás pode ser substituída pelas contas *Previsões de Prejuízo*, para o registro das baixas, e *Previsões de Lucro*, para o registro das altas, tem por objecto o registro do maior ou menor valor das mercadorias, em relação ao preço de custo. A função de semelhante conta não é a de indicar os prejuízos sofridos ou os lucros a capitalizar ou a distribuir,—mas simplesmente a de regularizar as contas dos valores fazendo-as figurar no balanço pela sua justa cifra na época do inventario. Esta conta como uma especie de termometro, indicará, então, em cada balanço, o maior ou menor do valor do stock em relação ao seu preço de custo.

O menor valor se ela figura no activo, o maior valor se ela figura no passivo.

Não nos iludamos. O conhecimento do valor do stock, pelo preço de custo, permite determinar os lucros ou prejuízos realizados sobre as transacções efectuadas,—mas não basta para o estabelecimento do balanço, que é o resumo do inventario, e no qual as mercadorias devem figurar pelo seu valor actual e não pelo valor que elas tiveram ou terão.

Quanto à antiga conta de *Perdas e Lucros*, a que chamamos *Perdas e Lucros Realizados*, para a distinguir da nossa nova conta,—o seu objecto é sempre o mesmo. Ela tem por fim o registro dos lucros ou prejuízos que resultam das vendas,—tomando-se por base, para a determinação do resultado, positivo ou negativo,—o preço de custo ou de compra.

A função das contas *Perdas e Lucros Realizados* e *Perdas e Lucros a Realizar* necessariamente nos obriga a duas avaliações ao mesmo tempo: uma pelo preço do custo ou de compra, e outra pelo preço corrente ou de mercado.

Assim, por exemplo:

Quantidade	DESIGNAÇÃO	Custo	Preço corrente	Maior valor	Menor valor
10.000	Garrafas de vinho . . .	10.000	30.000	20.000	—

Determinamos o lucro realizado pelo processo conhecido:

Custo por inventario	10.000
Credito da conta de mercadorias (vendas)	50.000
	<u>60.000</u>
Debito da conta de mercadorias (compras)	20.000
Lucro realizado	<u>40.000</u>

Quanto ao lucro a realizar, esse é determinado pelo confronto ou comparação entre o preço de custo e o preço corrente, assim:

Preço de custo	10.000
Preço corrente	30.000
Lucro a realizar	<u>20.000</u>

e daqui o seguinte lançamento no *Diario*.

MERCADORIAS a DIVERSOS	
a Perdas e Lucros a Realizar	20.000
a Perdas e Lucros Realizados	40.000

No *Razão* a conta de *Mercadorias* apresentará esta situação:

Deve	Mercadorias	Haver	
A C/ Correntes	20.000	De C/ Correntes	50.000
A Perdas e Lucros a Realizar	20.000		
A Perdas e Lucros Realizados	40.000		

O saldo devedor é de 30.000, igual ao valor do stock pelo preço corrente do dia. Desta maneira os elementos relativos às mercadorias apresentar-se-hão assim no balanço:

Activo	Passivo
Mercadorias	30.000
	Perdas e Lucros a Realizar
	20.000

Ora, se nós não tivéssemos tomado em consideração a alta, as mercadorias figurariam no balanço por 10.000 francos, soma que elas valiam ha dez anos,—e o seu valor actual nos será desconhecido.

De outro modo, avaliando-se as mercadorias, pelo preço corrente, mas sem a intervenção da conta de *Perdas e Lucros a Realizar*, nós teríamos levado à conta de *Perdas e Lucros Realizados* lucros que ainda não estão realizados,—e que talvez nunca o estarão.

Haverá perigo de se comprometer a situação sacando se sobre o futuro.

Para não se cair em nenhuma destas duas alternativas,—ou apresentar um balanço inexacto ou uma conta de *Perdas e Lucros* falsa, aconselhamos, o processo que acabamos de indicar quando o preço corrente do dia não coincide com o preço de compra ou de custo.

A contabilidade deve inspirar ao comerciante a orientação que convem dar a sua casa.

Ora, a apreciação da medida na qual o stock se acha influenciado pelas cotações,—e em que sentido,—lhe é indispensavel para julgar da sua situação e lhe indicar as reservas a fazer, em certos casos, para amparar as eventualidades.

A apreciação do valor actual da existencia em armazem, é, portanto, necessaria, e admira que certos autores, aliás notaveis, não tenham falado senão da avaliação pelo preço de custo ou de compra. Desde que a baixa seja definitiva, é necessario formar uma reserva para fazer face a essa baixa definitiva,—o que dará os seguintes lançamentos, por exemplo:

1.º — Para registro da baixa

PERDAS E LUCROS A REALISAR a MERCADORIAS	
---	--

Menor valor do stock em consequencia de baixa 200.000.

2.º — Para registro do lucro realizado do exercicio

MERCADORIAS a PERDAS E LUCROS REALIZADOS	300.000
---	---------

3.º — Para reservar o lucro realizado

PERDAS E LUCROS REALIZADOS a RESERVA ESPECIAL	
--	--

Menor valor do stock 200.000.

E dado que prevaleça a avaliação por um só preço, — qual critério se deve adoptar?

Para se apurar o lucro bruto exacto é necessário, em caso de baixa, contar as mercadorias pelo preço corrente, — e em caso de alta inventariar pelo preço do custo. Na alta, o maior valor não constitue um lucro realiado. Na baixa, o menor valor constitue uma diminuição do capital que torna menor o lucro bruto. Mas o melhor é a dupla avaliação que aconselhamos francamente.

*

E ahí fica a opinião do illustre snr. *Croizé* a proposito da questão controvertida. Para ele o que deve figurar no balanço é o preço corrente do mercado, — quer este preço seja superior, quer seja inferior ao do custo, — mas o preço de custo é tambem dado, indirectamente, pelo mesmo balanço. Adicionando se o saldo da conta de *Perdas e Lucros a Realisar*, quando esta está no activo, ao saldo da conta *Mercadorias*, tem-se o custo destas. Diminuindo-se o saldo da conta de *Perdas e Lucros a Realisar*, quando esta está no passivo, do saldo da conta de *Mercadorias*, tem-se igualmente o custo destas. Além disto, a intervenção da conta de *Perdas e Lucros a Realisar* não nos deixa distribuir lucros ainda não realiaados, — mas sómente previstos, — como impede que se registrem prejuizos tambem não realiaados, — mas sómente provaveis. Nos mesmos casos em que a baixa é definitiva, quando, em rigor, o menor preço da mercadoria é que deve prevalecer, — isto é, o preço corrente, — ainda a teoria de *Croizé* satisfaz, — pois a criação de uma reserva especial, — como ele chama, — modifica o preço do custo, — estabelecendo uma situação verdadeira. — Mas, então, perguntamos nós, a teoria da dupla avaliação, em sua ultima consequencia, quanto ao resultado do exercicio, se reduz em apurar o lucro ou prejuizo, tomando-se por base o preço do custo, — salvo nos casos de indiscutivel, de comprovada desvalorisação definitiva, — nos quais vigorará o preço do mercado? — Exactamente.

C.

Da Revista Brasileira de Contabilidade, n.º 2, de 1913.

Avaliação das mercadorias; analise das opiniões a este respeito.

Acerca do modo de avaliar as mercadorias existentes, precisamos de fazer algumas observações.

- ¿ Como havemos de apreciar as mercadorias?
- ¿ Pelo que valem no mercado no dia do balanço?
- ¿ Pelo que nos custaram?

Há muito quem adopte aquele preço, e há muito quem adopte este. Os que adoptam o primeiro, baseam-se em que o inventário, para ser exacto, deve registrar os valores quais eles são na respectiva data; nada parece mais sensato: se dou balanço a 30 de Dezembro de 1879, por exemplo, devo dizer o que é a minha casa nesse dia; parece que nada tenho com o que eram as mercadorias antes dele, nem com o que venham a ser depois. Alegam os defensores da outra opinião que registrar as mercadorias como tendo um valor diferente do custo quando ainda estão em nosso poder, é contar com lucros ou prejuizos que em verdade ainda se não realisaram, tambem isto tem apparencia de muito sensato; parece, pois, difficil ou impossivel escolher entre as duas opiniões opostas; e comtudo se uma é boa, a outra deve ser má.

Attendamos, porem, a que se os productos que compramos por 10 durante o ano sobem no mercado até 15, e este é o preço por que os obteriamos na

data do balanço, nós temos realmente valores da grandeza 15 e não da grandeza 10; para os considerarmos pelo segundo valor, temos de desprezar o primeiro que é o exacto. Se o que nos custou 15 descer até a cóta de 10, cometeremos erro análogo. Demais, se, como succede na maioria dos casos, continuamos a commerciar, introduziremos um erro de calculo no periodo seguinte; attribuir-lhe-hemos preços de compra, ou custo, que não são exactos nessa época; os lucros ou os prejuizos serão aumentados com a differença entre o custo qual seria no começo do novo periodo e o que foi para nós no periodo anterior; juntaremos para uma só occasião o que se deveria distribuir por mais do que uma. No caso de ter a mercadoria subido de preço, o erro de calculo não será, geralmente, de consequencias importantes; mas se os preços tiverem baixado muito no mercado, o commerciante registrará lucros que não existem. Sobretudo quando há grandes oscillações de preço, como succede perto das crises, cometerá grave erro quem cegamente atender só ao custo, e o considerar como subsistente no dia do balanço.

Conviria que as casas de comercio tivessem um fundo de reserva, como o tem as sociedades anonimas em geral; quanto maior fosse tal fundo em relação á massa das transacções, menos nociva seria a exaggeração dos valores do activo; ali se deveriam achar os recursos que assegurassem contra a maior parte dos riscos; mas quando não haja a reserva, ou enquanto ela se constitue, *cumpra ao commerciante fazer o inventario de modo que antes pareça ter menos, que mais, do que realmente possui*. Esta regra ensinam-n'a a prudencia, a boa fé, e o decoro proprio; a observancia dela precata contra inesperados prejuizos e será sempre documento de que o homem de negocio não pretendia enganar os credores com o testemunho de livros só aparentemente exactos. Posta essa regra, não está ainda resolvida a questão que nos propuzemos tratar; se a prudencia, a boa fé, e o decoro proprio nos esclareceram um pouco sobre o trabalho de apreciar os valores, — as considerações sobre o estado do mercado, e o destino a dar aos nossos haveres darão a luz que ainda nos falta.

Estado do mercado. Se a tendencia dos preços é para a baixa, computem-se as mercadorias por menos do que valem no dia do balanço; se é para a alta computem-se pelo preço do mercado. A razão disto consiste em que, por um lado, o commerciante não compraria por mais do que o valor cotado na praça; e por outro lado, se as mercadorias tendiam a baixar, ele se reservaria, em geral, para as comprar mais tarde, a não ser que tivesse já encomendas a satisfazer. Quanto maior é a quantidade dos productos que ainda possui, mais preciso se torna atender ao que deixamos dito. Estas considerações harmonisam-se: 1.ª — com a fluctuação dos valores no mercado, a cuja influencia não podem esquivar-se productos que ao mercado se destinam; documento particular, como é o balanço, não pôde comtudo pôr, os productos particulares ao abrigo das oscillações dos preços; tentá-lo, é opôr-se à evidencia dos fenomenos economicos mais simples, e mais comuns. 2.ª — com a responsabilidade propria de cada época do negocio; tomar como base o preço do custo, que podia ter tido logar há muito tempo, anos até, equivale a dizer que se passa de um a outro periodo de transacções o que realmente se não passa.

Destino a dar ás mercadorias. Se o negociante permanece no comercio, as considerações acima feitas bastam a guiá-lo; mas se tenciona liquidar, ou se a liquidação ha-de forçosamente fazer-se, cumpra-lhe ponderar a influencia que os factos da liquidação provavelmente tenham nos seus haveres; há motivos para

QUESTÕES JURIDICAS

A constituição duma sociedade por cotas nos termos do art.º 352 do Cód. de Proc. Com. importa a transformação da sociedade anterior e não a constituição duma nova sociedade, tendo a mesma individualidade jurídica; e, assim, a inscrição definitiva, no registro predial, a favor daquela, do dominio de prédios, que faziam parte do activo desta, não depende da prova do pagamento da contribuição de registro, que não é devida, porque se não operou transmissão.

Ac. da Rel. do Pôrto — de 4 de Outubro de 1929 — em ag. com da comarca do Pôrto. Agravante a Sociedade Industrial da Lameira, L.^a; agravado, o Conservador da 3.^a Secção da 1.^a Conservatoria do Registo Predial do Pôrto.

Acordam em conferência os da Rel.:

Cumpriu-se o disposto nos artt. 42 e 43 do Dec. n.º 12353. A Sociedade Industrial da Lameira interpôs em devido tempo o presente agravo, que é recurso competente, da sentença de fl., que julgou procedente a dúvida do Conservador da 3.^a Secção da 1.^a Conservatoria do Registo Predial da comarca do Porto, em registar definitivamente a favor do recorrente, a transmissão dos imóveis que pertenciam á extinta Sociedade Industrial da Lameira, L.^{da}, para a recorrente, que com esta mesma designação social se organizou á sombra do disposto no art.º 353 do Cód. de Proc. Com.—recusa essa que se fundamentou com o facto de não haver sido paga a contribuição de registo devida por tal transmissão. Funda-se essa sentença em que a actual Sociedade Industrial da Lameira, L.^{da}, é apenas constituída pelos crédores da extinta Sociedade do mesmo nome, ou seja por pessoas diferentes da que constituiram esta última, concluido dêsse facto que se operou uma transmissão de propriedade sujeita ao pagamento de contribuição de registo por titulo oneroso, nos termos dos artt. 1.º e 3.º, n.º 3, do Regul. da Contrib. de Reg. de 23 de Dezembro de 1899 e art. 58 da L. n.º 1368.

Entende este Trib. que esse fundamento não procede. Dispõe o art. 352 do Cód. de Proc. Com. que os crédores de qualquer sociedade ou firma comercial, cuja falência tenha sido ou esteja em condições de ser decretada, poderão transformá-la em sociedade por cotas.

A Sociedade recorrente constituiu-se á sombra dêsse preceito legal, sendo assim de concluir que não se trata de uma nova sociedade, mas tão sómente da reorganisação ou transformação de uma sociedade comercial, que já existia.

E' certo que a Sociedade Industrial da Lameira, L.^{da}, em consequência dessa transformação, passou a ser constituída por outros individuos, mas tal facto em nada affectou a individualidade jurídica de tal sociedade, que continuou a ser a mesma, pois que a individualidade jurídica das sociedades não se confunde com a dos seus associados. Para que o pagamento da contribuição de registo por qualquer titulo deva ter lugar, é indispensável que tenha havido transmissão de bens.

No caso *sub-judice* não a houve, pois que a Sociedade Industrial da Lameira, L.^a, que se encontra em estado de falência, e á qual pertenciam os bens a que diz respeito o registo recusado, não se extinguiu.

Reorganizou-se apenas, pelo que é de concluir que os bens, que ela possuía no momento em que a falência foi decretada e que ainda agora possui depois de reorganizada, não mudaram de possuidor.

E' esta circunstância — a continuidade da individualidade jurídica, que existia no momento em que a falência foi decretada — exclui a hipótese prevista pelo n.º 5 do art.º 3.º do Regul. da Contrib. de Reg., da qual, quando verificada, resultaria a obrigação do pagamento de contribuição de registo.

Improcede, pois, a dúvida do Conservador da 3.^a Secção da 1.^a Conservatoria da comarca do Pôrto em effectuar o registo definitivo, a que se referem a petição de fl. e resposta de fl., pelo que acordam em dar provimento ao recurso, revogando portanto a sentença recorrida e mandando que o registo provisório effectuado seja convertido em definitivo.

Sem custas, por as não dever o m.º p.º.

Pôrto, 4 de Outubro de 1929. — *Freire Pimentel*.
— *F. Urcullú*. — *Diogo Alcoforado*.

Nota. — Vejam-se: — o Aç. do Sup. Trib. de Just., de 16 de Maio de 1913, que julgou no mesmo sentido, e a respectiva nota, no t. 8, n.º 28, págg. 125 e 126, e ainda a nota, que fizemos á Sent. do J. de D. de Lisboa, de 5 de Março de 1927, no t. 41, n.º 7, págg. 106 e 107.

liquidar depressa? E' de crêr que se perca por isso parte do que se alcançaria aguardando oportunidade para a venda. Assim, embora o balanço tenha uma data precisa, não deve a avaliação ser subordinada exclusivamente ao preço do mercado nessa mesma data, nem ao preço do custo; o inventário não é para o estado de uma casa o que o termómetro é para o da temperatura; o termómetro vae marcando a todo o momento as mudanças de calor; o balanço tem de marcar aproximadamente as relações do passado com o dia presente, e deste com o futuro provavel; quando no fim do ano o comerciante faz inventario, quer que ele não só resume os factos de um ano, mas tambem o ligue economicamente ao futuro; tendo de continuar na sua viagem ao travez do mercado, não se contenta de saber as regiões e as alturas por onde tem andado; quer esclarecer-se tambem acerca do que provavel-

mente serão os seus recursos actuais nos lugares que vae percorrer ainda.

Auctoridades importantes nesta materia seguem outra opinião; uma delas, e das mais competentes, Guilbaut, diz assim: «Todos os valores devem conservar o preço da compra ou do custo por todo o tempo que os valores ficam nas nossas mãos. O lucro ou a perda não deve ser determinado senão pela comparação do preço do custo com o preço indicado pela venda efectiva».

Se nos não enganamos, o que temos exposto prova que estas regras são inaceitaveis na sua rigidez; a analyse incompleta do que o balanço deve apresentar levou os autores que conhecemos a dar noções menos uteis sobre esta materia aliás muito importante.

J. J. Rodrigues de Freitas.
Do livro "Elementos de Escrituração Mercantil"

ENTRE LEITORES

Consulta n.º 10

¿De quantos modos se podem fazer os lançamentos das Letras de favor?
¿Como considera-las?
¿Convirá, neste caso, que tudo fique bem explicito?

Nemo.

Consulta N.º 11

A escritura da constituição duma sociedade em nome colectivo diz que o capital social é de 90.000\$00, integralmente realizado em numerario e em partes iguais pelos tres unicos socios: **A. B. e C.**; porem, a verdade é que não foi realizado assim, mas do seguinte modo:

A entregou vinte contos em dinheiro, ficando a dever o restante.

B fez entrega do seguinte activo e passivo:

ACTIVO

Dinheiro	10.000\$00	
Moveis e utensilios	20.750\$00	
Mercadorias	80.845\$00	
Devedores.	31.410\$00	143.005\$00

PASSIVO

Credores	18.370\$00	
Letras a pagar	30.000\$00	48.370\$00

C aceitou uma Letra de 30.000\$00, a 13 meses, saque da sociedade, tendo **B** por dador de aval, a qual a sociedade negociou a taxa de 6%, sendo o desconto debitado a **C**.

Pergunto: ¿Que lançamentos devo fazer para a abertura da escrituração d'esta sociedade e perfeito registo de todas estas operações?

A. P.

ORIGEM E DESENVOLVIMENTO DAS PARTIDAS DOBRADAS

(Continuação)

O ensinamento de **Giovanni Massa**, de que o excelente metodo só apparece adoptado na segunda metade do seculo XV, já foi inteiramente destruido, como vamos vêr, pela descoberta, na Italia, de dois registros já agora famosos na historia da contabilidade. São eles livros ou registros das contas da «massaria» da comuna de Genova, descobertos pelo illustre **Cornelio Desimoni**, antigo director dos Arquivos Publicos naquela cidade.

A descoberta destes registros veio demonstrar que já em 1340 era o metodo das partidas dobradas applicado com perfeição,—pois que no dizer de **Cornelio Desimoni**,—ele appareceu nesses registros, não criança, mas adulto.

Estes registros da «massaria» da comuna de Genova são os mais antigos livros escriturados por partidas dobradas que até hoje se conhecem. São dois rrazões em pergaminho,—um pertencente aos «massari»—o outro aos «maestri razionali» da referida comuna. Os «massari», dois em numero, administravam a «massaria» ou, como se dizia hoje, o patrimonio da comuna. Os «maestri razionali» tambem em numero de dois, fiscalizavam a obra dos «massari» e dos seus dependentes. Tanto os «massari», como os «maestri razionali» faziam escriturar os livros da comuna pelo metodo das partidas dobradas, empregando para isso a lingua latina. Dos dois rrazões encontrados pelo illustre **Cornelio Desimoni** o que está mais conservado é o dos «massari», o qual tem na segunda pagina a seguinte declaração:—«*Cartullarium introitus et exitus rationum massariorum duorum sapientium constitutum in dicta massaria pro domino duci communis Janue et diffensore populi dicti communis et consuli sui. Existentibus massaris in dicta massaria per annum domini MCCCXXX ut infra. Nomina quorum dictionum massariorum sunt haec: Christianus Lomellinus et Dominicus de Garibaldo.*»

Estes registros da «massaria» da comuna de Genova foram examinados pelo competentissimo **Fabio Besta**, o qual declarou serem os mesmos escriturados por partidas dobradas genuinas.

Em 1880 o professor **Enrico Gagliardi**, numa

visita que fez aos arquivos de Genova, juntamente com os alunos da «Escola Superior de Comercio», daquela cidade, teve occasião de examinar os registros da «massaria», assim como do «Banco de S. Giorgio». Desta visita se occupou o professor «**Richeri**», na *Revista di Ragioneria*, que então apparecia em Genova, tendo tido vida efemera. Tambem se occuparam dos referidos registros **Heinricg Sieveking** e os professores **Giovanni Lanfranchi** e **Cesare Bagliano**. Todos affirmam positivamente que o metodo das partidas dobradas já apparece nesses registros applicado com inteira segurança. Logo depois do exame feito por **Fabio Besta**, escrevia **Cornelio Desimoni**: *Apparisce gia il sistema della scrittura dop-pia e non bambino ma adulto, da dedursene che tal scrittura dovesse essere in uso fermo da pezza...* Não ha, pois, nenhuma duvida. O metodo das partidas dobradas era já applicado em Genova no ano de 1340. ¿Mas donde tinha vindo, se nesse ano de 1340 appareceu ele, não já criança, mas adulto?

Infelizmente um grande incendio destruiu completamente, em 1339, todos os livros da mencionada comuna, de modo que nenhum traço da sua escrituração anterior a 1340 chegou até os nossos dias,—mas, dada a perfeição com que o metodo era applicado, pôde-se afirmar que muito antes daquele ano já ele era conhecido, sem podermos dizer, no entanto, onde fôra ele primeiro applicado. A partir de 1340 vem-se generalizando na Italia, sem que se conheça a sua origem, o metodo sem igual. Nos arquivos de Veneza encontram-se livros antiquissimos escriturados por partidas dobradas. Podem-se mencionar os dos irmãos **Loranzo**, que contêm lançamentos de Agosto de 1406 até Março de 1434: os de **Jacomo Badoer** escriturados de 1436 a 1439; os de **Andrea Barbarigo**, de 1436 a 1440. E segundo o eminentissimo **Fabio Besta** tambem os livros da Scuola S. Marco foram escriturados por partidas dobradas desde 1436.

Nos arquivos de Genova ha um memorial do «Banco di S. Giorgio» do ano de 1408. E' um pequeno registo com esta indicação no dorso: «1408 Banca-

rum S. Giorgij M.» Este registro é um verdadeiro diário escriturado por partidas dobradas. Em 1440 o «Banco di S. Giorgio» earrou em longa e difícil liquidação—tendo deixado muitos livros escriturados por partidas dobradas, de acôrdo com as mais severas regras. No arquivo da «Fabrica del Duomo, em Milão, ha dous registros relativos á gestão da Thesouraria de Piacenza. Um compreende lançamentos de Abril de 1356 a Maio de 1357 e outro compreende a escrituração de uma parte do ano de 1357 e uma parte de 1358. Ambos são escriturados por partidas dobradas. No mais antigo destes registros encontra-se, na primeira pagina, esta declaração: «*Libertabule mei Jacomolli de Gluxano gestoris texauraire Placent inceptus die vi aprilis Mccclvii et finitus die xxvii madii Mccclvii et*

qui liber signatus est per A. et incipit primum nomina Vincenzolli de Fara Mccclvii et finivit C. Franciscollus de Ger-menags Mccclvii».

Estes dous registros foram indicados pelo **Dr. E. Verga** na sua preciosa obra—«L'Archivio della Fabrica del Duomo di Milano», citada por Fabio Besta—o mais profundo historiador da contabilidade italiana.

Seria longo mencionar todos os registros que se acham nos arquivos publicos da Italia. Basta as citações que acabam de ser feitas para se ver que os mais antigos registros escriturados por partidas dobradas pertencem áquele paiz—os mais antigos que até hoje se conhecem.

(Continua)

Carlos de Carvalho

AS NOVAS TENDENCIAS DA CORRESPONDENCIA COMERCIAL AMERICANA

Extracto dum curioso artigo publicado na "Revista Suissa de Sciências Comerciaes"

A correspondencia comercial, como factor de propaganda ou como instrumento de ligação e estreitamento de relações, merece o mais apaixonado cuidado e, quando possível, o estabelecimento duma divisão entregue a essa função, com qualquer empresa que pretenda desenvolver, com segurança, os seus negócios.

Seria interessante estudar, nos seus detalhes, o estabelecimento desses serviços, os modelos de redacção, a criação dum estilo para cada cliente, emfim, juntar os materiais necessários para completa ilucidação desse ramo comercial.

Por hoje, limitamo-nos a dar ao leitor os tópicos dum interessante estudo publicado na «*Revue Suisse des Sciences Comerciales*» sob a assinatura de Von Dr. Friedrich Bernet, de Chicago, e intitulado: «As novas tendências da correspondência comercial americana.»

a) A vaga de negócios

«A América é uma nação de futuro, por toda a parte se respira uma frescura de juventude.

«O americano construiu a sua casa para trinta anos. O seu automóvel dura um ano, dois anos; em seguida revende-o rapidamente a um menos afortunado para comprar outro mais belo.

«E' preciso produzir e consumir rapidamente. (a)
«Antes de tudo é necessário realizar uma cifra de negócios enorme. Em cada dia são vendidas um milhão de notas, onze mil automóveis, etc.

«Na Europa, o centro de gravidade do consumo é a compra; na América é a venda.

«O vendedor aí é o príncipe do mercado. E' ele que procura o comprador. Daí resulta a importância da carta de Venda.

«O desenvolvimento da arte da venda atingiu uma verdadeira técnica. O seu ensino nas Escolas de commercio aumenta diariamente. Revistas versando a venda, conseguem um número consideravel de leitores. Fundam-se institutos especiaes de investigações acerca da venda: todas as regras da psicologia do reclame moderno aí se applicam.

«Parte-se d'este principio: *toda a carta deve ser um meio de aumentar a clientela*».

b) A carta nos seus detalhes

«O europeu fala da América materialista. Está em erro: naquêl paiz a personalidade humana é o

principal cuidado dos economistas. Há muitos motivos para que êsse facto se dê, além dos motivos religiosos, e económicos; é preciso notar que o prodigioso desenvolvimento da máquina durante os últimos dez anos não deu logar a qualquer dos conflitos que se têm produzido na Europa.

«Entre fornecedores e clientes, há sobretudo a ideia do *serviço recíproco* e desde então a organização do escritório passou do serviço das funções (encomendas, facturas, contencioso, etc.) ao dos grupos de clientes.

«Na produção, prevalesce a tendencia contrária: normalização, peças permutáveis, unidade no produto.

«A técnica da venda e a da produção parecem compensar-se.

«As cartas enviadas aos clientes tem a forma de cartas individuais.

«E' preciso atrair a atenção, a correspondencia deve, antes de mais nada, ser original. Abandono de frases usuais, banaes, vazias; emprêgo da clareza, vida, efeito — uma palavra: *cartas características*.

«Exemplo dum fim de carta patético:

«*Por amor do vosso nome, por amor do crédito que, no futuro, lhe pode ser tão importante, pedimos lhe instantemente o envio do vosso cheque na volta do correio!*»

«O estilo tem uma grande importância, mas é preciso ter em particular atenção a parte material: distincção, género do papel, cabeçalho (*en-tête*) a própria letra.

«Além disso, ordenar e exprimir com elevação o pensamento.

«Negociantes de grosso, retalhistas, camponêses, senhoras...: para cada grupo uma maneira especial de lhes escrever (b).

«E' necessário insistir na ideia principal: mas, evitar os rodeios e as frases inúteis.

«O início e o fim da carta são duma importância capital:

«Alguns conselhos: escrever na primeira frase qualquer coisa que interesse o leitor, empregar substantivos e adjectivos inteligíveis, verbos plenos de vida. Traçar frases curtas, alíneas curtas. Empregar um tom positivo em lugar dum tom negativo, não dizendo: «*Não duvidamos que,*» mas: «*Estamos convencidos que...*» Agrupar o conteúdo da carta à volta dum pensamento central. Evitam generalidades massadoras, mas factos verificados.

«Pensa em primeiro lugar, depois escreve, ou, de preferência, *dize* ao destinatário.

c) A organização da correspondência

«Na América, criou-se um serviço novo, uma organização metódica da correspondência. Mais de 40 por cento das grandes firmas têm um *Chefe correspondente*.

«O fim? Produzir as melhores cartas, instruir os empregados sobre a importância das boas cartas, sobre os prejuizos causados por uma só carta escolhida imprudentemente.

«Em tudo se deve revelar o *espírito da Casa*. O mais humilde empregado deve conhecer a *política comercial da sua casa*. A casa *Packard* publicou um opúsculo: *Os princípios Packard*, cujo conteúdo todo o seu pessoal deve conhecer a fundo, noutras casas, os directores pessoalmente comunicam com o seu pessoal e transmitem-lhe as suas directrizes.

«A *Western Union Telegraph Company* organizou cursos de correspondência aos quaes devem acorrer os seus empregados durante três meses. De tempos a tempos, estes são convidados a realizar conferencias cujo tema ver-se o comentário ou a crítica das cartas escritas por alguns dos colegas. Dão-se mesmo lições

particulares aos que necessitam aperfeiçoar-se. Envia-se circulares aos empregados nas quaes se tratam taes ou taes pontos da correspondência. Há fórmulas impressas sobre papel de côr e coladas às paredes.

«Cada empregado correspondente deve ser ensinado a ponto de se tornar o seu próprio crítico.

«O autor do artigo, que acabamos de extrair, apresenta, finalmente, uma lista de obras em língua inglesa, versando a arte da correspondência. Evitamos inseri-la para não tornar demasiado extenso este artigo.

(a) Economisar é acertado, dentro de certos limites. Quando, porém, a economia invade os domínios da avarêsa, amesquinhando-se, os seus resultados são contraproducentes, porquanto essa economia conduz à estagnação da vida comercial e industrial dum país, reflectindo-se em todos os seus órgãos e atingindo, em recochete, os autores desse movimento.

(b) O leitor, que não conhece a vida comercial provincial do nosso país, não imagina as dificuldades que se toparam na redacção da correspondência, para clientes importantes, mas... imensamente incultos... que na provincia abundam.

J. Antunes.

CASAS COM SUCURSAIS

(Continuação)

No diario da matriz tais operações se escripturam assim: 1915 - Setembro - 30

DESPEZAS GERAIS a DIVERSOS

As seguintes despesas feitas pela n/ sucursal de Campinas:

a CAIXA

Pagas pela mesma na semana finda. 200\$00

a CONTAS CORRENTES

Luiz da Silva

Aluguel da casa. 600\$00 800\$00

DIVERSOS a MERCADORIAS GERAIS

Vendas pela mesma sucursal na semana ultima:

CAIXA

Vendas a dinheiro 1.300\$00

LETRAS a RECEBER

Aceite de Artur Costa, a 90 dias. 4.000\$00

CONTAS CORRENTES

Pergentino de Freitas 200\$00
João Ferraz 600\$00 800\$00 6.100\$00

CAIXA

a CONTAS CORRENTES

Antonio de Souza Pinto

Recebimento da sucursal de Campinas. 500\$00

Transcrevendo-se estes lançamentos no «Razão» como se faz comumente, é claro que se não consegue apurar o movimento da sucursal, o qual, por este processo, fica confundido com o da propria matriz.

Para remover este inconveniente, é necessário que o «Razão» seja dividido em colunas, destinando-se uma para cada sucursal, uma para a central, e a ultima para o total do movimento.

O seguinte quadro é exemplo de um «Razão» assim riscado:

MERCADORIAS GERAIS

DEBITO

(TITULO NO RAZÃO)

CREDITO

Datas	Operações	Folios do Diario	Sucursal de Campinas	Sucursal de Santos	Casa Central	Total	Datas	Operações	Folios do Diario	Sucursal de Campinas	Sucursal de Santos	Casa Central	Total
1915							Set. 30	De Diversos....	1	6.100\$000			6.100\$000
								» Caixa.....	2		850\$000		850\$000

E' unutil dizer que todas as somas inscritas nas colunas parciais são inscritas, egualmente, na columna do total, como no exemplo dado.

Se as filiais ou sucursais são muitas, então é indispensavel a criação de um livro auxiliar do Razão, de fórmula sinoptica, no qual cada conta conterà subdivisões para as sucursais

O auxiliar, a-que nos referimos, será assim:

DEBITO					Mercadorias Gerais					CREDITO				
Datas	Filial A	Filial B	Filial C	Total	Datas	Filial A	Filial B	Filial C	Total					

O razão, neste caso, pôde ter apenas tres colunas — uma para as filiais, consideradas como uma conta colectiva, uma para a propria central e uma para o total. Assim:

Mercadorias Gerais

DEBITO					CREDITO									
Datas	Operações	Filiais	Casa Central	Total	Datas	Operações	Filiais	Casa Central	Total					

E se fosse insufficiente um só auxiliar, podiam-se crear, então, tantos auxiliares quantas fossem as contas relativas a cada filial.

Num auxiliar da conta de mercadorias, por exemplo, se registrariam os seguintes titulos:

- 1.º MERCADORIAS GERAIS
C/ da Filial A.

- 2.º MERCADORIAS GERAIS
C/ da Filial B.
- 3.º MERCADORIAS GERAIS
C/ da Filial C.

E assim por deante, fossem quantas fossem as filiais.

(Continua).

Carlos de Carvalho.

CORRESPONDENCIA TELEGRÁFICA

Função

A correspondencia telegrafica desempenha uma função importantissima em qualquer organização comercial e industrial e principalmente nas grandes organizações, por estarem constantemente a receber e expedir telegraficamente indicações sobre cotações, encomendas, instruções, confirmações, etc.

Telegramas

Telegrama (do grego téle, logar, e gramma, escrita) é a comunicação feita pelo telégrafo.

O telegrama consta das partes seguintes:

1.ª A preenchida pelos empregados das estações telegráficas respeitante:

- a) as indicações de serviço e preâmbulo;
- 2.ª A preenchida pelo expedidor:
 - a) Indicações eventuaes;
 - b) Endereço;
 - c) Texto e assinatura;
 - d) Indicação do nome e domicilio do expedidor e da hora a que o telegrama foi depositado; e
 - e) Recibo.

Redacção dos telegramas: — Os telegramas podem ser redigidos em impressos existentes nas estações telegráficas, em impressos particulares dos expedidores ou mesmo em papel vulgar, obedecendo ás normas e formula do tipo oficial.

Os telegramas devem ser escritos com letra legivel, sendo preferivel dactilografar em papel que não alastre a tinta e ser em tipo grande para o telegrafista que tem de transmitir rapidamente, possa lêr sem cometer erros.

As emendas, entrelinhas, razuras, chamadas ou

aditamento de palavras, são resalvados e rubricados pelo expedidor.

A lingua usada nos telegramas, são as empregadas na correspondencia internacional, como o alemão, espanhol, francês, inglês, italiano, etc., como tambem o esperanto e latim.

Endereços: — Os endereços podem ser *correntes* e *convencionaes*.

Os endereços correntes, terão pelo menos três palavras; duas para indicar o nome do destinatario, ou profissão, e a terceira a estação telegráfica, devendo porém conter as indicações necessarias, completas e indispensaveis. Os telegramas para lugares sem estação telegráfica, podem ser enviados, a pedido do expedidor, pelo correio como carta registada e por um proprio.

Os endereços convencionais, chamados *telegráficos*, tem por fim, com o emprego de poucas palavras tornar menos dispendioso o telegrama. Estes endereços são constituídos em geral apenas por duas palavras; uma, indica o nome e morada do destinatario, e a outra, a estação telegráfica do destino. O particular ou empresa, pode registar a palavra convencional para endereço mediante uma taxa. As palavras em regra escolhidas para endereço telegráfico são os nomes das firmas ou dum produto de fabrico proprio. Exemplo:

Enil, iniciais da Empresa Nacional de Industrias, L.ª; hadiemla, constituído pelas letras de Almeida, L.ª, a começar pela ultima; Bonbons, respeitante á Sociedade Industrial de Chocolates, etc.

Há ainda os *endereços multiplos*, que são os telegramas para localidades diversas servidas pela mesma estação, ou ainda para diversos destinatarios na mesma localidade, ou para um só destinatario em diversos domicilios na mesma localidade ou ainda em diversas localidades servidas pela mesma estação.

U M A C A R T A

Ill.mo e Ex.mo Snr. Director de
«A Voz do Comercio»

Amigo e Senhor :

No n.º 16 do seu conceituado quinzenario, iniciou o Ex.mo Snr. Dr. Antonio Batoque, um interessantissimo estudo sob o titulo :

A ESCRITURAÇÃO COMERCIAL NO DIREITO PORTUGUEZ

Sucede que, no n.º 18, ao referir-se ao livro «Razão», diz :

«c) «Razão» — Quanto a este livro, só nos cabe observar que, em face do artigo 31 é illegal o uso que modernamente os Contabilistas teem feito do livro unico: «Diário-Razão-Balancête» — pois, o que o citado artigo exige é um numero tri-partido de livros, distintamente separados, alem dos inconvenientes que podem afectar a selagem e legalisação de tais livros».

Ora, como no n.º 7 de «A Voz do Comercio», foi publicado, com a minha assinatura, um insignificante artigo, intitulado «Diário-Razão-Balancête», no qual, por sinal, se pedia a autorisada opinião dos leitores de «A Voz do Comercio», venho, pela presente, rogar a V. Ex.a, um cantinho do seu apreciado jornal, para as considerações abaixo.

Linguagem telegráfica

A linguagem empregada, classifica-se em: *linguagem clara e linguagem secreta* e esta pode ser *convencional* e em *cifra*.

Os telegramas em linguagem clara, é a usual no próprio paiz, devendo ser simples e compreensíveis.

A linguagem secreta, é usada em geral entre praças de paizes diferentes, com o fim de empregar menos palavras e evitar divuigação de assuntos confidenciais.

A linguagem convencional, consiste no emprego de palavras conhecidas em qualquer lingua, mas sem ligação alguma, organisados em *codigos telegráficos* ou *privados*.

A linguagem cifrada, compõe-se de algarismos e letras com significações secretas.

Cadigos: — Os codigos telegráficos e privados teem um duplo fim: economia e sigilo. Empregam-se varios codigos telegráficos impressos, sendo os mais usados: A. B. C.; Bentley's; Marconi; Western-Union, etc. Independentemente destes codigos, uma emprêsa pode possuir o seu codigo privativo, para uso com os seus agentes, com palavras adaptadas ao ramo das suas transacções.

Processo de se reconhecer o codigo empregado: — As casas comerciais empregam por vezes mais de um codigo, segundo o que lhes parece melhor ao assunto que teem de comunicar. Reconhece-se o codigo empregado pela primeira pa-

Agradecendo, subscrevo-me com a mais elevada estima e consideração

De V. Ex.a
At.to Ven.or e Obrigado
Carlos José Guerra.

Considerações: — O «Diário - Razão - Balancête», tal qual o uso, e claramente se mostra do supra-citado artigo, é um livro auxiliar, e não substitue portanto nenhum dos livros exigidos pelo artigo 31 do Codigo Commercial. No meu artigo diz-se que o «D.-R.-B.» dispensa, entre outros, o «Diário Analítico» e o «Razão Analítico»; não diz que dispensa o «Diário» ou o «Razão Sintético», livros estes, que os Contabilistas, ao abrigo do § 1 do artigo 34 do Codigo Commercial, fazem uso. Quasi no final do meu artigo, depreende-se claramente, que emprego o «Diário» e o «Razão Sintéticos», pois que, nele se lê e ainda na rectificação inserta no n.º 8 a pag. 126: «No fim do mês, o Guarda-Livros diminue aos totais do mês, os totais do mês anterior, tendo assim rapidamente, as verbas para fazer a sua partida mensal (4.a formula).

Isto posto, não é illegal o uso do «D.-R.-B.», tal qual sempre o empreguei, porquanto o seu uso está autorisado pelo artigo 30 do Codigo Commercial, que diz: «O numero e especies de livros de qualquer comerciante e a fórmula da sua arrumação ficam inteiramente ao arbitrio dele, contanto que não deixe de ter os livros que a lei especifica como indispensaveis.

Carlos José Guerra.

lavra do telegrama ou semi-palavra, ou por indicação no proprio telegrama e na falta de quaisquer destas indicações, o destinatário procurará por tentativas o codigo empregado.

Assinatura e apresentação dos telegramas

Nos telegramas não é obrigatorio a assinatura, e a entrega na estação telegráfica pode ser até meia hora antes de fechar. As ambulancias postais recebem telegramas para serem transmitidos na estação telegráfica mais proxima do percurso do comboio, regalia esta que muito aproveitam os viajantes.

Telegramas telefonados

O expedidor, mediante um prévio deposito para pagamento de taxas, pode expedir telegramas pelo telefone, até cincoenta palavras em portuguez.

O destinatário tambem pode receber pelo telefone os telegramas.

Confirmação dos telegramas

Os telegramas devem ser confirmados pelo correio imediatamente; é uma prática muito util e que por vezes evita erros de transmissão e outros lapsos.

Muito mais se teria de dizer sobre este importante serviço de escritório, mas apenas focámos o que importa saber, por vezes desconhecido dos diplomados que entram na vida prática, se bem os que já nela se encontram desconheçam muitos destes detalhes.

Do livro "Comercio, Contabilidade e Organisação", no prelo.

F. Caetano Dias.

PROBLEMAS

Esta secção é destinada a problemas de escrituração e aritmética comercial para os leitores que os queiram apresentar ou resolver.

Solução do n.º 3 A

Devedores e Credores a Diversos

Pelo trespasses dos seguintes valores do Activo:

Alberto Pereira da Costa

a Mercadorias	250.000\$00	
a Letras a Receber	35.000\$00	
a Moveis e Utensilios	37.500\$00	
a Devedores e Credores.	41.250\$00	363.750\$00

Diversos a Devedores e Credores

a Alberto Pereira da Costa

Caixa

S/ entrega 63.750\$00

Letras a Receber

N/ saques, s/ aceites 300.000\$00 363.750\$00

Caixa a Depositos á Ordem

a Banco Nacional ultramarino

Recebido n/ cheque 65.000\$00

Diversos a Perdas e Lucros

Pelo saldo das seguintes contas:

Devedores e Credores-

Credores	162.500\$00	
Letras a Pagar	67.500\$00	
Fundo de Reserva.	50.000\$00	
Antonio Reis — C/ Capital	50.000\$00	
Mario Duarte — C/ Capital	70.000\$00	
Americo Silva — C/ Capital	100.000\$00	500.000\$00

Perdas e Lucros a diversos

a Mercadorias

Pelo prejuizo nesta conta 30.000\$00

a Moveis e Utensilios.

Idem 2.500\$00

a Devedores e Credores

Diversos

Abatimento de 25 % nos

devedores. 13.750\$00

Antonio Reis

S/ parte dos lucros 103.125\$00

Mario Duarte

Idem. 144.375\$00

Americo Silva

Idem. 206.250\$00 467.500\$00

Devedores e Credores a Diversos

a Letras a receber

Antonio Reis 68.181\$80

Mario Duarte 95.454\$60

Americo Silva 136.363\$60 300.000\$00

a Caixa

Antonio Reis 34.943\$20

Mario Duarte 48.920\$40

Americo Silva 69.886\$40 153.750\$00

Solução do problema n.º 3 B:

O guarda-livros, depois de feito o inventario para regularização da escrituração, tinha de fazer os seguintes lançamentos:

Diversos a Diversos

Pelos valores que representam o Activo e Passivo da firma conforme inventario e balanço dado nesta data, para regularização da sua escrituração:

Caixa 2.158\$90

Mercadorias 5.856\$00

Moveis e utensilios 76.737\$50

Gastos de instalação 23.347\$95

Devedores 281\$40

Renda Adeantada 3.580\$00

Alberto Ferreira — c/ parti-

cular. 32.996\$85

144.958\$60

a Letras a pagar 1.032\$60

a Credores 4.645\$00

a Mario Martins — c/ lucros 8.025\$60

a Capital. 80.000\$00

a Perdas e Lucros 51.255\$40 144.958\$60

perdas e Lucros a diversos

Pela divisão dos lucros

apurados nesta data:

a Alberto Pereira | c/ lucros 25.627\$70

a Mario Matias — c/ lucros. 25.627\$70 51.255\$40

Alberto Ferreira — c/ lucros

a Alberto Ferreira — c/ parti-

cular

Transferencia daquela para

esta conta 25.627\$70

Solução do problema n.º 4:

1.ª oferta.

Fornecimento de 20.000 quilos de certa mercadoria ao preço de Frs, 5,45 o quilo, pagamento a 30 dias com 3 %.

Taxa de juro 7 % ao ano comercial.

20000 X 5,45 = 109.000, —

Descente de 3 % 3.270, —

105.730, —

Juros de 7 % s/ 105730 em 30 dias, praso para pagamento

616,76

Frs, 105.113,54

2.ª oferta

Idem ao preço de Frs, 5,55 o quilo, pagamento a 90 dias com 5 %.

20000 X 5,55 = 111.000, —

Descente de 5 % 5.550, —

105.450, —

Juros de 7 % s/ 105450 em 90 dias, praso para pagamento

1.845,37

Fps, 103.604,63

E' portanto mais vantajosa a 2.ª oferta.

Porto, 1930

Arnaldo Moreira.

DA CONTA EM PARTICIPAÇÃO

(Continuação)

Conforme se vê, nos livros de Antunes as contas «Vinhos... etc.» e «Reis» apresentam o seguinte movimento:

VINHOS	
50.000\$00	680\$00
2.500\$00	89\$00
640\$00	185\$00
20.000\$00	
840\$90	
320\$00	
340\$00	
137\$00	
<u>74.777\$00</u>	<u>954\$00</u>

REIS	
68.000\$00	21.820\$00
	10.311\$50
<u>68.000\$00</u>	<u>32.132\$50</u>

vê-se que a importancia que Antunes terá a receber m letra será de Esc. 35.868\$50.

Aplicando o mesmo para os livros de Reis verifica-se identico resultado.

Este metodo intitulado, *da divisão final* ou *social* é um dos tres conhecidos. Os outros dois são o da *divisão imediata* e o *mixto*.

De todos estes tres metodos o mais pratico é o 1.º, que atraz descrevemos. O 2.º tem a desvantagem de não fornecer a *contra participação* e de modificar nas contas o valor das operações realizadas; pois as dividas à medida que elas são effectuadas.

Daí o seu nome. Estes defeitos, são as vantagens do 1.º metodo.

No *mixto* as operações são contabilizadas de duas maneiras diferentes: em partidos dobradas para as operações effectuadas pela firma que tem os livros, em partida simples pelo ou pelos outros co-participantes.

Dadas as desvantagens destes dois ultimos metodos em relação ao 1.º, são pouco usados e de interesse unicamente teórico.

Escusado será, pois prolongar mais estas simples notas.

A. Prista Tiago.

O RELOGIO AVISADOR

A criação dos ficheiros ajuda-memoria e dos almanques de folha diaria com espaço para notas (Modelos «Buffet», «P. Zencher» e analogos) atendem á necessidade sentida pelo moderno homem de negocios de descarregar a sua memoria de um semnumero de pequenas preocupações para poder dedicar a plenitude de suas faculdades intellectuaes ás questões de verdadeira importancia da actividade a que se dedica.

Fazer uma viagem, recordar um vencimento, escrever a um cliente, a um fornecedor ou a um devedor, pagar um tributo e assim outras coisas a ficha fixa sem necessidade de estar pendente disso;

Dia... de .. de 19...		
Horas	Indicações	Observações
10 30	Conferencia telef. com X.	Celebrada
11 15	Visita de B.	Recebida
11 45	Conferencia teleg. a H. . .	
3	Conselho de Adm. de J. . .	

Modelo A

são coisas que se resolvem facilmente com o auxilio do ficheiro com indicador de fichas ou com o almanaque de folha diaria para notas, mediante a simples anotação no dia correspondente da diligencia a praticar, pois que em ele chegando a nota nos servirá de lembrança.

Porem ante o montão de detalhes e de coisas a fazer não já a ficha fixa, mas tambem a *hora fixa de um dia determinado* faz que sejam todavia insufficientes os meios dedicados, e isso moveu-nos a explicar outro valioso auxiliar que temos posto em pratica com evidente resultado.

Suponhamos que amanhã o Director duma importante empreza tem necessidade de atender ao seguinte: A's 10 e 30 da manhã dar despacho á conferencia telefonica pedida por X.; ás 11 e 15 receber a visita que B. lhe annunciou; ás 11 e 45 chamar a conferencia telefonica a H. e ás 3 da tarde comparecer á Junta do do Conselho de Administração da Sociedade J., segundo a convocação que acabam de entregar-lhe.

Disporá de um block de folhas de papel, regradas segundo o modelo A, a qual encherá com os dados indicados mais acima da igual forma que o modelo apresenta. O complemento será um relógio-despertador dos usualmente empregados e que todo o mundo conhece. Ao chegar ao escritóris o Secretário do Director olhará a Folha-recordadora e porá o indicador da campanha nas 10 e 30. Claro (se o relógio não pára) que a essa mesma hora soará a campanha e chamada assim a atenção do director olhará a hora que marca o relógio e verá o que corresponde fazer naquele momento segundo a indicação que para aquela hora tenha anotada na folha-recordadora. Suspenderá em seguida o toque fazendo girar o ponteiro até o colocar na hora seguinte que marcar a repetida folha e assim sucessivamente com as demais indicações.

Se qualquer das indicações não se puder realizar

na hora fixada, mudar-se-ha para outra fazendo a nova indicação que corresponda, na folha daquele mesmo dia ou do seguinte.

Hoje fabricam-se destes relógios em tamanhos pequenos muito artisticos, que dispostos em suporte especial onde descança o block e a sua correspondente lapiseira, podem formar um elegante conjunto como adorno para colocar em cima da mesa do escritorio.

Miguel Muñoz Arbeloa
(Organizador industrial)

Da revista «Actevidad»

A Cotação C. I. F.

Inclui as despêsas com a factura consular ?

Como toda a gente sabe, é elemento necessario em todas as cotações comerciais a indicação do lugar da entrega da mercadoria.

São de facil compreensão as indicações usuais para transacções na mesma praça, ou dentro do país, não surgindo, em geral, mal-entendidos senão por lapso de redacção ou omissão involuntária ou propositada. Quando, porém, se trata de importadores e de cotações, para estes, de exportadores estrangeiros, é conveniente saber-se bem o que abrange o sentido das abreviaturas que em geral se empregam para esses fins.

A mais simples e a que menos se presta a complicações, é a vulgarissima F. O. B. (free on board), que como toda a gente sabe, indica que a mercadoria é posta «livre a bordo», isto é, que todas as despêsas desde que ela entra a bordo, começando pelo frete e pelo seguro são de conta do comprador.

Menos vulgar é a cotação F. A. S. (free along side), que quer dizer «livre ao lado» do navio — isto é, a mercadoria posta no cais, ou em batelão, junto do barco em que há de ser carregada. São em geral, os americanos que usam — é, ainda assim, poucas vezes — esta formula, que imposta, em todo o caso não ignorar.

E' porém com a cotação C. I. F., que indica, como todos sabem, que a cotação inclui o custo da mercadoria, o seu frete e o seu seguro, que pôde surgir um ponto de dúvida; e tanto pode surgir que efectivamente surgiu, sendo assunto de uma consulta feita á Associação Comercial de Lisboa, e de uma opinião interessante e decisiva de um dos membros da sua Secção de Importação e Exportação — opinião essa que a Direcção desta Camara de Comercio aceitou e fez sua por unanimidade.

Trata-se de saber se o certificado de origem e a factura consular — no caso da consulta tratava-se especialmente da factura consular — se devem considerar incluídas na cotação C. I. F. A solução seria indiferente se a factura consular não ascen-

desse por vezes a uma percentagem relativamente alta sobre o preço da factura da mercado.ia. E, mesmo que assim não fosse, nunca haveria mal em se compreender bem o assunto.

Salvo entendimento em contrário, as casas exportadoras estrangeiras, e nomeadamente as americanas, facturam à parte — isto é, fóra do preço C. I. F. — as despêsas com a factura consular ou com o certificado de origem. E' bom saber-se que assim fazem. Mas também interessa saber se assim na verdade deve ser.

Vamos à consulta. Uma firma importadora de Lisboa formulou à Associação Comercial esta pergunta: «se a cotação C. I. F. (sem outra indicação) para qualquer mercadoria de um porto estrangeiro para Portugal compreende as despêsas com a factura consular, ou devem essas despêsas ficar a cargo do comprador?»

(Continua)

F. P. na «Revista de Comercio e Contabilidade», esgotada.

Tabela de palmos reduzidos a metros

Pms.	Metros	Pms.	Metros	Pms.	Metros
1	0,22	13	2,86	25	5,50
2	0,44	14	3,08	26	5,72
3	0,66	15	3,30	27	5,94
4	0,88	16	3,52	28	6,16
5	1,10	17	3,74	29	6,38
6	1,32	18	3,96	30	6,60
7	1,54	19	4,18	40	8,80
8	1,76	20	4,40	50	11,00
9	1,98	21	4,62	60	13,20
10	2,20	22	4,84	70	15,40
11	2,42	23	5,06	80	17,60
12	2,64	24	5,28	90	19,80

Tabela de metros reduzidos a palmos

Metros	Palmos	Metros	Palmos	Metros	Palmos
1	4,5454	13	59,0902	25	113,6350
2	9,0908	14	63,6356	26	118,1804
3	13,6362	15	68,1810	27	122,7258
4	18,1816	16	72,7264	28	127,2712
5	22,7260	17	77,2718	29	131,8166
6	27,2724	18	81,8172	30	136,3620
7	31,8178	19	86,3626	31	140,9074
8	36,3632	20	90,9080	32	145,4528
9	40,9086	21	95,4534	33	149,9882
10	45,4540	22	99,9988	34	154,5436
11	49,9944	23	104,5442	35	159,0890
12	54,5448	24	109,0896	36	181,8160

Honradez significa integridade em tudo.
Não significa apenas que não podem ter con-
fiança na nossa palavra. Não significa que,
logo que não enganeis com palavras, podeis
enganar quanto à qualidade do vosso tra-
balho.

**A honradez em tudo quer a verdade —
tanto nos actos como nas palavras.**

SEÇÃO LITERARIA, ARTISTICA, MORAL E SCIENTIFICA

ORAÇÃO A PORTUGAL

(Continuação)

Rei Encoberto na refrega a pelear
e, turbido, a dizer:—«morrer, mas devagar!»

dia em que algum bisonho trémulo exclamou
a Sebastião de Sá:—«volla», e este retrucou

numa titânica bravura de encantar:
—«o meu cavalo, olá!, nunca soube voltar!»,

Phebus Munis, que protestou em Almeirim
frenético de amor, contra a facção ruim,

que quiz que a Espanha governasse um povo ufano
que desafiou tuíões em cima do Oceano;

mil e seis centos e quarenta! Portugal!
Restauração! Nobreza olimpica e leal!

João Pinto Ribeiro a dizer palpitante:
«tira-se um rei e põe-se um outro num instante!»

Filipa de Vilhena afivelando a espada
aos filhos,— e a dizer indómita e afogueada,

a esposa do Duque de Bragança, em gesto lindo:
“val’ mais viver reinando que acabar servindo”;

D. Carlos de Noronha avisando a Duqueza
de Mântua (1);—saia já, já, se não, com certeza,

vão faltar-lhe ao respeito...» E ela encolerizada:
—«A mim?! e como?» Ao que D. Carlos logo brada:

—«Obrigando-a a sair já, se não se acautela,
não pela porta ali, mas por esta janela»,

e D. Miguel de Almeida ancião, com gravidade,
de barba branca, soluçando: «Liberdade!

Viva el-rei D. João quarto! Real! Real!
Real! Real! Sus! Pelo Rei de Portugal!»;

Depois Montijo, linhas d’Elvas, de vencida,
Ameixial e Montes Claros, em que erguida

a Pátria pôde vertical a fronte pôr,
devido ao garbo português de Vila-Flor,

e em que se achou, gentil, completamente salva,
pelo montante do Marquês de Marialva;

Matias de Albuquerque e Fernandes Vieira
expulsando o holandês da terra brasileira!(2)

D. João quinto airoso, esplêndido e galante,
que teve a côrte mais faustosa, mais brilhante.

que o mundo viu, esbanjando o ouro substancial,
que talvez novamente erguesse Portugal;

(Continua)

Marques da Cruz.

(1) Os Holandêses invadiram a Baía em 1624 e Pernambuco em 1630. Ocuparam 4 capitanias ao N., de 1630 a 1654. Foram expulsos após as batalhas de Tabocas, Guararapes e Forte das 5 Pontas, dando-se logo a Capitulação de Campina de Taborda. Os benefícios de sua colonização, foram devidos ao espirito extraordinário de um grande colonizador: Mauricio de Nassau—o único holandês, verdadeiramente amigo do Brasil. Os outros auferiram apenas os interesses, que prescrevia sempre a «Companhia das Índias Ocidentais».

Os grandes problemas científicos

A 760 metros debaixo do mar.

(Continuação)

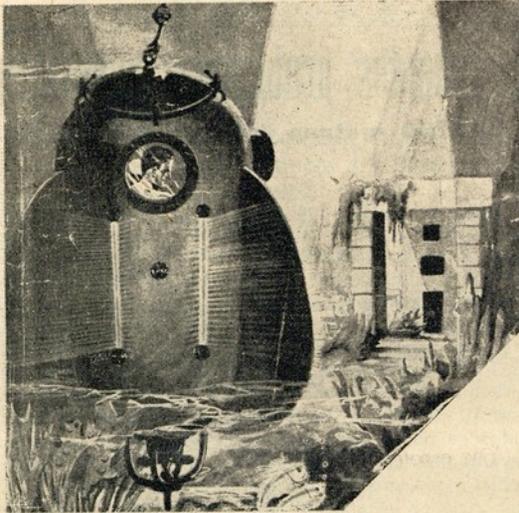
Ocorreu então uma grande alteração. O degelo das grandes geleiras que cobriam a Terra foi-se operando vagarosamente fazendo subir o nível dos mares. O Atlantico começou a trasbordar por sobre aquella barreira baixa e rochosa de Gibraltar, arrasou-a finalmente e lançou a sua agua gelada numa torrente de catadupa para dentro daquele formoso e desabitado vale! Provavelmente foi esta catastrophe a mais importante que em qualquer tempo a humanidade experimentou. Teria sido o diluvio de que nos fala a Biblia? Todos os povos antigos á volta do Mediterraneo conservam uma velha tradição que diz que em tempos prehistóricos succedeu um tremendo e destruidor Diluvio. Apenas escaparam com vida aquelles habitantes que puderam fugir para os continentes proximos assim como para os pontos elevados que ficaram como ilhas acima da agua. Foi por este tempo que a raça civilizada Cro-Magnon appareceu na Europa Meridional bem como no Norte de Africa, a qual eliminou gradualmente a raça de Neanderthal que vagueou pela Europa durante centenas de milhares de anos, sem qualquer sinal de progresso.

Observam-se na ilha de Malta inumeros e misteriosos trilhos ou sulcos de carroças pesadas, prehistoricos, os quaes foram ultimamente photografados de um aeroplano e descritos pelo Prof. Zammith director do Museu de Antiguidades, de Malta, em Março de 1928 (Londres). Esses trilhos foram abertos tão profundamente no terreno rochoso, que por eles deviam ter passado durante centenas de anos pesadas cargas sobre pesadas carroças puchadas por homens. E’ um assunto que se oferece á meditação podendo presumir-se que uma grande população abandonada sobre Malta por causa do Diluvio, lutou por uma existencia miseravel e digna de lástima, arrastando-a sobre a terra e na agua nos planaltos rochosos, impossibilitados de construir navios para atravessar o Mar Mediterraneo recentemente formado. Deste modo o lugar oferece o mais admiravel e interessante campo para investigações submarinas e trabalho remunerador.

Durante a sua expedição, o Dr. Hartman verificou que era necessario introduzir mais melhoramentos. Foi necessario eliminar da camara mergulhadora um perigoso peso de lastro, que podia ser solto quando a camara viesse para a superficie.

Foi tambem necessario construir melhores iluminadores submarinos e o aparelho teve de aumentar de dimensões para poder levar dois homens. Depois de mais quatro anos de trabalhos e depois de ter gasto o ultimo inverno em viagens pelo Mediterraneo para fazer varios ensaios, o Dr. Hartmann possui agora um aparelho perfeito de mergulhar no mar em grandes profundidades, no qual foram feitos todos os melhoramentos e mudanças a que acima nos referimos, sendo este aparelho que vae ser utilizado em novas e extensivas investigações no Mediterraneo durante a proxima primavera e verão.

O seu novo aparelho conserva sempre a sua propriedade de flutuação e pode mergulhar sem o peso adicional ou lastro. Este foi declarado como impos-



N.º 1

A camara mergulhadora do Dr. Hartman em presença das ruínas dum palacio romano da cidade submersa de Paleopolis, iluminadas por um poderoso holofote instalado num vapor que auxilia as pesquisas.

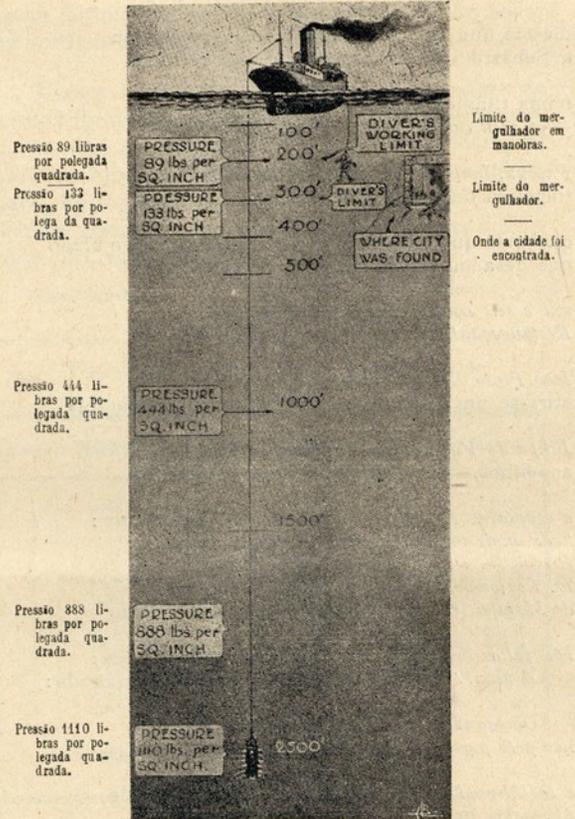
(Vêr a posição do vapor na fig. n.º 2.)

sível pelos entendidos. Nenhum objecto pode mergulhar se é mais leve do que a agua que esse objecto desloca. O Dr. Hartmann resolveu este problema duma maneira muito simples e engenhosa. Ligando á sua camara mergulhadora uma pequena hélice de movimento electrico, montada sobre uma haste vertical, qual *puxa* a camara para baixo. Dado o caso de quebrar o delgado cabo coberto de cautchu, atravez do qual passa a corrente gerada em um navio que se encontra em cima, a hélice parará e o aparelho completo automaticamente subirá para a superficie, forçada a isso pela sua propriedade de flutuação. Contudo, como a sua velocidade pode acelerar-se demasiadamente, a hélice pode ser acionada por uma bateria, podendo desta maneira reduzir a velocidade da sua marcha para a superficie. De facto, por meio desta bateria, a camara mergulhadora pode funcionar debaixo de agua sem qualquer cabo de ligação.

Havia ainda um outro perigo que era este: Se se usasse um cabo para estabelecer as comunicações telefonicas, e este cabo partisse por cima do aparelho mergulhador, daria como resultado virar-se a parte de cima para baixo por causa do seu peso e o aparelho permanecia no fundo.

O Dr. Hartmann inventou uma ligação especial que consiste em duas couchas de ferro colocadas uma sobre a outra, formando um electro-magneto, uma ligação de forma oval, sendo as suas duas metades ligadas pela força magnetica, enquanto que a corrente passar atravez do cabo. Se este quebrar, as duas metades caem uma para cada lado libertando a camara mergulhadora do peso do referido cabo.

Os iluminadores submarinos consistem em tubos electricos luminosos encaixados em fortes tubos de



N.º 2

89 lb..	40 kg., 851	100 pés....	30 ^m ,48
133 lb..	61 kg., 047	200 » ...	60 ^m ,96
444 lb..	203 kg., 796	300 » ...	91 ^m ,44
1110 lb..	509 kg., 490	400 » ...	121 ^m ,02
		500 » ...	152 ^m ,40
		1500 » ...	457 ^m ,20
		2500 » ...	762 ^m ,00

Olhando para a gravura acima, pode ter-se uma ideia da notavel profundidade atingida pelo Dr. Hartman nas suas explorações submarinas, no Mediterraneo, com o auxilio do seu sino de mergulhador construido em aço. Por esta gravura pode vêr-se que o limite de profundidade atingido por um simples mergulhador é de cerca de 91,44 abaixo da superficie do mar onde a pressão é 61 kg., 047 por polegada quadrada.

Notar que as camadas inferiores da massa liquida vão gradualmente ficando em maior obscuridade.

vidro exteriores para resistir á grande pressão da agua, e enquanto apenas dois se ligam ao aparelho mergulhador outros podem lançar-se mais abaixo separadamente sobre quaesquer objectos que se deseje fotografar. Os dois homens que vão dentro da camara mergulhadora dirigem pelo telefone a descida e disposição destes tubos iluminantes de modo que

os objectos que interessam são fortemente iluminados enquanto que a agua entre eles e a maquina fotografica permanece comparativamente obscura.

Deste modo resulta uma fotografia nitida a maior distancia nas aguas claras, porque doutro modo, devido à intensa difusão, a reflexão sobre o film sensibilizado seria demasiado forte e as imagens sairiam manchadas.

Trad. de Brás Porto

(Continúa)

FALAR E CALAR

Tendo alguém lamentado que certo filosofo não tivesse nada para dizer em todo o decurso de uma ceia, Arquidamos, de Sparta, que ouviu a censura, castigou laconicamente o autor exclamando:

«Aquele que sabe falar, sabe também quando convem falar».

Já outro pensador dissera que é fácil falar, difícil saber falar, mas muito mais custoso era saber calar.

Efectivamente o silencio oportuno e consciente é uma das prendas mais belas que podem adornar as creaturas, parecendo porém que os homens estão convencidos precisamente do contrario.

Pois as duas situações teem tanta importancia que o nosso frei Amador Arrais nos DIALOGOS afirma que o sabio falando se faz nescio, e o nescio calando se faz sabio.

É incalculavel o tormento que para os prudentes e discretos resulta da aproximação de um homem com horror ao silencio, homem que mostra desconhecer que, (conforme o dizer de um anonimo) «raras vezes nos arrependemos do silencio guardado; frequentemente de haver falado».

O corintio Teocrito, assistindo a um conselho de guerra, disse para Temistocles:

— A vossa opinião desagrada a Aristides visto que, achando-se presente se cala.

Ao que, Aristides replicou:

— Eu não me calaria se Temistocles não dissesse o que devia dizer; o meu silencio é, pois, de assentimento.

É este um caso em que o silencio desempenha o papel de linguagem eloquente.

Mas ha muitas pessoas que não teem perspicacia para semelhante interpretação...

Luiz Leitão.

Deixa a tua alma prestar ouvidos a todo o grito de angustia como a flôr de Lotus abre o seu coração para beber o sol matinal.

Da «Voz do Silencio».

Aquele que flutua ao sabor da corrente, que se não guia a si próprio, de acôrdo com os mais altos principios, que não tem ideal nem convicção, não passa de um artigo de mobiliário do mundo, um objecto movido em vez de um ser que vive e que se move, um éco e não uma voz. Um homem que não tem vida interior é o escravo do meio ambiente, como o barómetro é o servo submisso do ar em movimento.

Da «Iris».

A pouca sciência aparta o homem de Deus, mas a muita recondú-lo para Ele.

Francisco Bacon.

O CAMINHO PARA A FELICIDADE

Se trabalhares no que tiveres diante de ti, com critério, seriamente, vigorosamente, com serenidade, sem que cousa alguma consiga distrair-te, mas conservando pura a tua parte divina, como se fosses obrigado a devolvê-la imediatamente; se te emaranhares nisto, nada esperando, nada receando, apenas satisfeito com a tua actividade de momento, conforme a natureza, e com a verdade heroica nas palavras que proferis, então viverás feliz. E não há homem algum que não seja capaz de fazer isto.

Marco Aurelio.

Assim como a miragem no deserto se não forma sem um estado especial da atmosfera, assim também nos não podemos absorver na ideia de Deus, sem um estado muito puro de consciência.

O'mega.

Devemos aproveitar o tempo, porque este não espera nem volta.

Circula no mundo uma inveja velocipede que vive de intriguinhas: chama-se maledicência.

Diz estouvadamente o mal que não tem certeza e oculta o bem que tem evidência.

Rivarol.

Não se perderá o esforço de quem quer que seja. O que infalivelmente sucederá é perderem o seu tempo aqueles que só tratam de si, das suas ambições e do seu orgulho.

Na preocupação egoistica de ganharem a sua vida, perdê-la-ão por ter abandonado a causa dos seus semelhantes, dos seus irmãos, que é a luta pelo bem de todos.

P. R. F.

A calúnia é como a moeda falsa: muita gente, que não ousaria fabricá-la, a faz circular sem scrúpulo...

Trazes na tua alma uma bibliotéca admirável, de Sabedoria e de Luz; — mas só na meditação profunda, na calma serenidade da tua consciência, poderás interpretar os seus conceitos sublimes.

A caridade é, talvez, o melhor campo de cultura espiritual; — mas é necessario semear sem ambição e colhêr sem vaidade.

Contempla as estrélas do céu; mas não esmaques os vermes da terra...

António J. Freire.

NOTAS DE ARTE

por GUIDO SEVERO

Teatro Sá da Bandeira Companhia SATANELA - AMARANTE

Antonio de Castro, homem de teatro a valer, tem comprehendido como poucos a ingrata missão de empresario da nossa mais elegante casa de espectaculos, a que se consagrou, desde ha bons 20 anos.

Como é um espirito esclarecido e empreendedor, tem alcançado o que raros empresarios conseguem: atrair o publico ao Sá da Bandeira, a despeito da grande crise que a scena nacional atravessa, na hora que passa, pela esmerada escolha das Companhias portuguezas e estrangeiras, que tem feito passar por aquele teatro.

Coube agora a vez á Companhia Satanela-Amarante, que ha muito tempo não vinha ao Porto, e cuja actuação faz parte do programa de exploração realisado pelo empresario José Loureiro em combinação com aquele seu colega portuense.

Estevão Amarante, artista distinto, a quem no já afastado ano de 1908, quando da representação da revista A. B. C., de Acacio Paiva e Ernesto Rodrigues, o illustre escritor Joaquim Martins Teixeira de Carvalho, vaticinava um brilhante futuro, assegurando-lhe o vir a sêr um dos nossos grandes actores cómicos, cumpriu bem a profecia.

De uma correcção absoluta, encarna todos os seus papeis, sem um desmancho, e com respeito inultrapassavel pela sua arte, de que fez um sacerdocio.

Nos ultimos anos, Amarante, tem-se dedicado a explorar quasi exclusivamente os *vaudevilles*, que os nossos desmiolados comediografos se limitam a adaptar ao nosso meio, dos originaes estrangeiros.

É curioso verem-se os nomes de 2, 3 e 4 dos nossos mais consagrados plagiadores dramáticos, encabeçarem os cartazes de peças que traduziram somente, com pequenas alterações de nomes de personagens e de logares de acção, onde se occultam os nomes dos seus verdadeirs autores.

Não é isto um autentico crime de parricidio literario?

O que são: «O Az», «O grão de bico», «Onze mil virgens», «A sopa de massa», «O domador de sogras», «O pão de ló», «O az de foot-ball», «O arroz doce», «Heróis do Mar», etc. etc., senão tudo adaptações, ou fóra o enfemismo, digamos, cópias servis do que os outros escreveram, geralmente trabalhos de um só autor, para cujas cópias tem de se juntar uns poucos dos nossos *talentosos e fecundos dramaturgos*?

E ouve-se por ai a cada passo falar em propriedade literaria, defeza de originaes, direitos de autor, etc., etc.!

Mas... deixemos coisas tristes, e falemos de Amarante e da sua companhia.

Estreou-se com «O Pão de Ló», interessante comédia de ligeiro e singelo enredo, adaptação do original francès «Tir au flanc», valorizada com lances de puro e espontaneo humorismo.

Estevão Amarante, marcou esplendidamente as scenas de timidez do «papo-seco», eivado de preconceitos, que de repente tem de trocar os fatos do *Old England* pela farda de recruta do regimento de artilharia onde se alistou.

Luiza Satanela, um pouco mais magra do que ha 5 anos, quando da sua ultima passagem por esta cidade, é hoje uma das mais queridas atrizes do nosso teatro ligeiro.

No «Pão de Ló» faz uma creada ladina, desempenhando a personagem a primor.

Veiu depois «A Flor de S. Roque», outra adaptação da comedia espanhola «Quien te quiere a ti», peça que difere bastante das outras representadas egualmente por esta Companhia, pois é moral e está salpicada de vibrantes notas de emoção.

Em seguida Estevão Amarante levou á scena «O Pé de Salsa», outra adaptação do alemão, mas esta filha de paes incognitos, pois não se designa nos cartazes o nome da peça, onde os illustres literatos toram beber o assunto e... o resto, para ganharem fóros de illustres dramaturgos e talvez um habito de S. Tiago.

Finalmente esta excelente companhia de *vaudevilles* e de revistas, não de opereta, pois tem fracos elementos sonoros no seu elenco, fez representar «O tremoço saloio», revista cheia de vivacidade, focando diversos *tipos* muito agradaveis ao sabor popular, sentindo-se envolver-la quasi a medo um delicado fio de Arte, e uma imaginação elegante a construir com equilibrio, situações e personagens.

Sem grande originalidade, a peça tem das revistas o colorido e a estusiante alegria, e das magicas a beleza do inesperado.

Os scenarios são adequados e muito artisticos.

O guarda-roupa constitue, sem duvida, um dos principais atractivos da peça. Distribuição de côres surpreendente, fugindo ao ramerrão apresentado em outras peças do mesmo genero.

O grupo de *girls* apresentou interessantes bailados, que honram a sua *mestra*, a grande bailarina Luiza Satanela.

A encenação de Estevão Amarante, vistosa, com surpresas e abundancia de bom gosto.

A musica ouve-se com agrado, embora seja na sua quasi totalidade coordenada.

Não ha memoria de um exito teatral tão grande, como o obtido por esta revista. Que o diga o diligente e activo camaroteiro snr. José Marques, que tantas simpatias conta, entre todos os frequentadores deste teatro.

O desempenho em todas estas peças, satisfez por parte de todos os artistas.

Do elemento feminino, deve-se salientar em primeiro logar Luiza Satanela, que no «Tremoço saloio» tem belos trabalhos coreograficos, enchendo o palco da mais contagiosa e aliciante animação.

E' ela, sem, duvida a alma da peça.

Maria Pinto, desempenha á altura dos seus meritos todos os seus papeis.

Josefina Silva, muito bem na *miss* do «Pé de Salsa». Este seu trabalho revela muita observação e estudo.

No elemento masculino devemos salientar Antonio Silva, que está um belo actor, possuindo figura, gesto e graça natural.

Ao terminar esta resenha, lamento sinceramente que em Portugal não haja um bom quarteto lirico ligeiro, que ingressasse na companhia de Amarante, e com que ele pudesse dedicar-se á exploração de boas operetas, que não faltam nos outros paises.

A ausencia de inspiração, tanto nos autores dramaticos como nos *maestros*, não se faria notar.

Era só uma questão de arranjar traductores e boas batutas.

A Amarante reconheço-lhe, tanta competencia para dirigir uma boa companhia de opereta, como ao seu falecido mestre e amigo, -- o grande José Ricardo.

O Vegetariano

Revista Ilustrada de Higiene e Agricultura

Tem **vinte e um anos** de existencia na propaganda da alimentação racional e tratamentos naturais
 Insere secções de culinaria dietética, consultas *gratis* e agronomia prática
 Variada colaboração scientifica e literária
 Tem produzido milhares de *auto-curas* pela *Natureza* e oferece *grátis* um trimestre de assinatura a quem enviar o endereço bem legível a

O VEGETARIANO
LARGO DOS LOIOS, 50
Porto

ESPECTACULOS E DIVERSÕES

Teatro Sá da Bandeira

Telefone, 2595

EMPRESA ANTONIO CASTRO

Companhia SATANELA-AMARANTE de Comédias, vaudevilles e revistas

— EXCELENTE REPORTORIO —
 — MAGNIFICO CONJUNTO ARTISTICO —

Jardim Passos Manuel

Telefone, 1034

Esplendoroso Music-Hall. O melhor recinto de diversões do País. Luxuoso Salão de Festas.

CINEMA E VARIEDADES
 FITAS ESCOLHIDAS

Orquestra Jazz sob a direcção do grande artista FERNANDO CARRIEDO

Salão Jardim da Trindade

Telefone, 4418

Rendez-Vouz da sociedade elegante portuense

Soirées Chics

Orquestra Jazz sob a direcção do distinto violinista Efisio Anedda

FILMS ESCOLHIDOS
 PROGRAMAS VARIADOS

Olympia

Telefone, 532

Maquina de projecção SAXONIA com um foco duma nitidez perfectissima.

Neste salão são apresentadas sempre as melhores "super-produções,"
 Orquestra de concerto primorosa composta de nove professores sob a direcção do insigne violinista LAMY REIS

Agua d'Ouro

Telefone, 2619

O cinema mais luxuoso do Porto PROGRAMAS PARAMOUNT

Neste salão dotado de todos os confortos modernos são passadas as fitas de maior renomé mundial
 MATINÉES ELEGANTES

Concertos pela excelente orquestra composta de 13 professores sob a direcção do maestro HORACIO BORGES

Odeon «Cine-Theatro»

Empresa A. da Silva Marta - Telefone, 4856

R. Pnto Bessa (angulo da rua Nova da Lomba)

A mais moderna casa de espectaculos do Porto

Sempre fitas novas
 VARIEDADES

Orquestra-Jazz executando os mais selectos programas

Novo Salão High-Life

Telefone, 1407

Praça da Batalha

O cinema mais popular do Pôrto

Peliculas sensacionais

PROGRAMAS ESCOLHIDOS

Orquestra-Jazz dirigida pelo professor Antonio Carvalho

Palacio de Cristal

O cinema mais barato do Porto

na NAVE CENTRAL e no GIL VICENTE
 as terças, quintas e domingos

Chás dansantes

no «dancing» do Restanrant

JANTARES CONCERTOS

todos os dias ás 19 horas

VISITEM O AVIARIO

J. CAETANO DIAS

Capitão de Administração Militar pela E. G. — Expert-Comptable pela E. G. C. de Paris — Do Instituto Superior de Comercio de Lisboa — Professor de Ensino Técnico — Membre correspondant d'Honor da Associação de Contables de Catalunha — Comissario Geral em Portugal do VI.º Congresso Internacional de Contabilidade — Antigo Director da Revista de Comercio e Contabilidade.

PORTUGAL — Largo de D. Isabel, 10 — EVORA

E' autor do livro: **COMERCIO E CONTABILIDADE**

Que se publica pela falta no nosso mercado livreiro, dum completo expositor moderno que tratase sucintamente de todos os assuntos que importa saber:

- 1.º — Aos estudiosos, para encontrar coligidos num só volume, os ensinamentos mais modernos, dispersos em revistas e livros de economia, direito, geografia economica, organização, calculo e contabilidade;
- 2.º — Aos que vão encarrear na vida comercial, os conhecimentos teóricos e praticos indispensaveis para poder entrar nessa vida sem maiores dificuldades;
- 3.º — Aos comerciantes, industriais, empregados de escritorio, contabilistas ou não, como guia e consulta, pelos principios modernos de organização e contabilisação;
- 4.º — A todos os interessados, os metodos de trabalho necessarios para satisfazer as exigencias da moderna vida comercial.

Condições de Assinatura

Edição de 64 paginas por cada tomo mensal:

Assinatura de 3 tomos 15\$00 — Para as colonias mais 2\$50 e estrangeiro 5\$00.

Pagamento: no acto de enviar o boletim de inscrição.

Aviso Importante:

A melhor garantia ao pagamento da assinatura, é a qualidade de oficial do exercito do autor, pois os Regulamentos militares o obrigam a satisfazer todos os compromissos.

COMERCIO E CONTABILIDADE

EXTRATO DAS MATERIAS

Comercio — Origem — Evolução — Definição — Função — Operações comerciais — Actos de comercio — Lei comercial — Divisão do comercio — Terminologia comercial em português, francês e inglês — O exercicio da profissão comercial e sua restrição — Agencias e representações comerciais — Falencias — Tribunais de comercio — Camaras de comercio — Camaras de arbitragem — Contratos — Carreiras de navegação — Portos comerciais — Instituições e locais de comercio — Mercados — Inquerito dos mercados — Feiras — Exposições — Bancos — Bolsas — Armazens geraes — Museus comerciais — Alfandegas — Concorrência, monopolios e coligações — Crises economicas — Preços, sua formação e calculo dos preços de venda e lucro — Pagamentos comerciais — Papeis de credito — Divida Publica e classificação dos emprestimos publicos — Correspondencia comercial — Correspondencia telegráfica — Codigo telegráfico e como se reconhece o código empregado — Endereços comerciais — Correio e serviço telegráfico — Estatística — Publicidade — Politica económica internacional — Formas de desenvolver a exportação e de diminuir a importação — Factores das variações dos cambios etc., etc.

Contabilidade — Mecanica contabilista — Mecanismo das contas — Organologia contabilista — Liberografia — Sistemas de contabilisação — Inventario e balanços — Problemas de contabilidade — Technica da revisão contabilista — Metodo de ler um balanço — Organização da fiscalisação na vida economica moderna — Peritos — Contabilistas, etc.

Organisação geral — Elementos de organização — Organismo material, social e seu mecanismo — Taylorismo — Fayolismo — Contabilisação mercantil — Contabilisação industrial — Sistemas de salarios — Amortisações — Preço de custo — Contabilidade Publica.

Calculo comercial — Principios matematicos — Medidas e moedas — Operações comerciais: de emprestimos, de descontos, de cambios — Teoria dos saques — Paridades — Versement — Reports — Deport — Arbitragens — Especulação sobre cambios — Operações sobre mercadorias: Importação e exportação.

“A VOZ DO COMERCIO” recomenda este livro